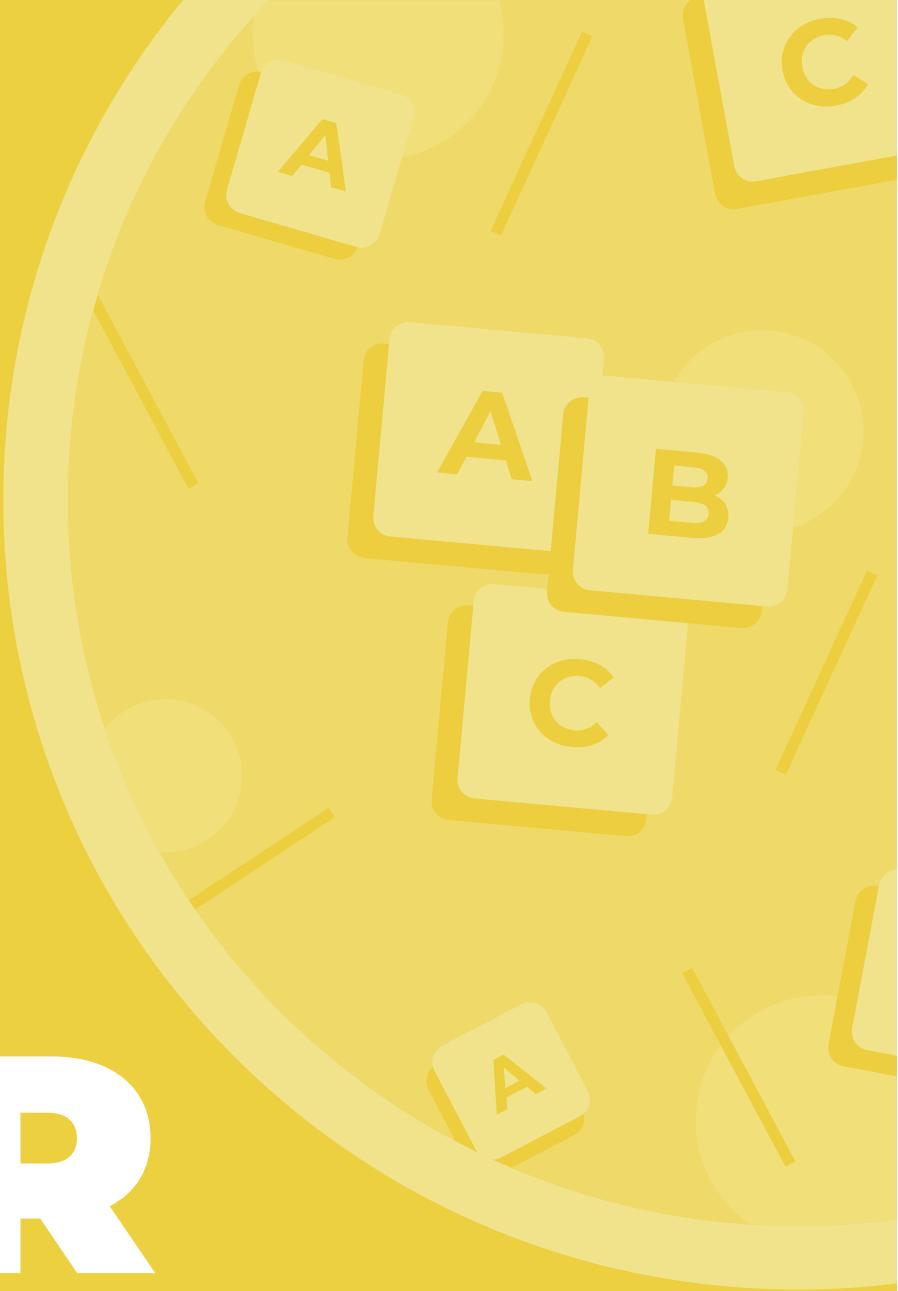


meSalva!

PARTE I

POR TU GUÊS



meSalva!

CURSO ENEM ONLINE

O melhor cursinho para o ENEM 2019 é o que te aprova no curso dos seus sonhos



Conte com a melhor preparação para a Prova do ENEM:



CONTEÚDO COMPLETO PARA O ENEM

+5.000 vídeos, 10.000 exercícios e aulas ao vivo todos os dias para tirar suas dúvidas



PLANO DE ESTUDOS PERSONALIZADO

Organizamos para você um cronograma de estudos de hoje até o ENEM



CORREÇÃO DE REDAÇÃO ILIMITADA

Receba notas e comentários para cada critério de avaliação do ENEM



SIMULADOS COM CORREÇÃO TRI

Simulados com correção no mesmo formato da Prova do ENEM

QUERO SER APROVADO!

PARTE I

PORTUGUÊS

01

TEXTO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

meSalva!

TEXTO, LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

E aí, galera, tudo bem? Aqui estamos para começar a pensar a nossa gloriosa língua portuguesa! Nesse material, vamos retomar alguns assuntos bastante essenciais para compreender o funcionamento da língua em toda a sua complexidade comunicativa. Isso significa dizer que, além de olhar para todos os elementos linguísticos formais da nossa língua, vamos observar também as relações de sentido e de contexto que possibilitam a efetivação da linguagem além de evidenciar a sua variação. É por isso que vamos também ver o que significa variação linguística e o quanto ela é importante para assegurar diversidade nas nossas formas de falar e de escrever!

Além disso, vamos estudar ainda as **figuras de linguagem** como as figuras de pensamento e figuras de construção ou de sintaxe. Elas têm nomes que assustam um pouco, mas aposto que logo elas não vão meter mais tanto medo assim! Também vamos ver os vícios de linguagem mais comuns, para que você possa evitá-los em suas futuras redações. Por fim, vamos aprender algumas noções de **estrutura e formação de palavras**, algo que é fundamental para a compreensão da morfologia da Língua Portuguesa. Então, prontos?

LINGUAGEM E LÍNGUA

Ao nos comunicarmos, não usamos apenas palavras, mas também sinais que expressam significados, como, por exemplo, obras de arte, sinais de trânsito, logotipos, etc.



Mona Lisa, de Leonardo da Vinci



Placa de trânsito



Logotipo da Apple

Certamente você já viu as imagens acima antes e não precisou de nenhuma legenda para saber o que elas significam. Pois bem, podemos dizer que essas imagens fazem parte da **linguagem**, esse sistema – que pode ser verbal ou não – pelo qual nos comunicamos e expressamos nossos pensamentos. Mas cuidado! Linguagem não é a mesma coisa que língua! **Língua** é um sistema de signos que representam a realidade. Sim, isso mesmo que você leu, signos. Um signo é a união de um som e de uma imagem, e não tem nada a ver com signos do horóscopo!

Por exemplo: ao leremos e/ou ouvirmos a palavra “casa”, no mesmo momento somos remetidos à ideia, à imagem de uma casa. Todos esses conceitos parecem muito complicados, mas diariamente fazemos uso da língua e da linguagem de forma natural, sem nem nos darmos conta. A linguagem também não existe sem interlocução, ou seja, sem diálogo, sem interação com outras pessoas para estabelecermos sentidos.

Para que essa **interlocução** aconteça, são necessários três itens: alguém que fale ou escreva, o texto (oral ou escrito), que é o que se tem a intenção de comunicar, e o ouvinte ou leitor. Em termos mais diretos, para que se estabeleça uma interlocução são necessários: **um locutor (ou autor), um texto e um interlocutor**. O autor e o leitor são simples de se identificar, mas, como podemos definir o que é e o que não é texto?

O QUE É TEXTO?

O que é um texto? Texto é daquelas coisas que sabemos o que é, mas não sabemos explicar o que é, não é mesmo? Bom, embora a definição de texto seja complicada, certamente conseguimos identificar o que é e o que não é um texto, não é mesmo? Mas como o objetivo aqui é refletir vamos, a partir de um rápido exercício, buscar na nossa memória algumas palavras que possam auxiliar você a defini-lo: Quando eu falo a palavra texto, o que vem a sua mente? Hmmm... Língua? Linguagem? Palavras? Frases? Colocar ideias no papel? Forma?

Você está certo! Todas essas palavras fazem parte do campo semântico que nos ajuda a estabelecer uma ideia sobre o que, afinal de contas, é um texto. Mas, vamos começar do começo. Ao olhar para essas duas estruturas, qual delas você considera compreensível? Em qual das duas você acha que a comunicação foi efetivada?

1

Social básica na matrícula a valer nome passa educação.

2

CartaCapital

Política Economia Blogs Tablets/Celular Anuncie Assine a Revista

Carta Educação

Home Reportagens Colunistas Temas de Aula Agenda Quem somos Search

REPORTAGENS

Nome social passa a valer para matrícula na Educação Básica

Resolução que garante este direito aos travestis e transexuais passa a valer a partir deste ano

REDAÇÃO 19 de Janeiro de 2018

Fonte: <<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/nome-social-passa-valer-para-matricula-na-educacao-basica/>>

Certamente na segunda. Embora em ambas sejam capazes de reconhecer palavras, é apenas na segunda que conseguimos perceber uma unidade de sentido, ou seja, é possível perceber de forma objetiva a ideia expressa ali. No entanto, se agora, ao comparar essa segunda estrutura com uma terceira (que segue), qual você me diria que é um texto?

3



#nome social eu uso

RESPEITE O USO DO NOME SOCIAL PARA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

O uso do NOME SOCIAL por travestis e transexuais é um **direito assegurado pela Prefeitura do Rio de Janeiro**, conforme Decreto Municipal nº 33816/2011.

"Art.1º: Fica assegurado, no âmbito da Administração Pública Municipal Direta e Indireta, o uso do nome social adotado por travestis e transexuais."

RIO SEM PRECONCEITO COORDENADORA ESPECIAL DA DIVERSIDADE SEXUAL

RIO PREFERIDA SAÚDE SUS

Fonte: Campanha da prefeitura do Rio de Janeiro pelo respeito ao nome social

Muita calma nessa hora! Na verdade, ambos são textos. Podemos nos confundirmos aqui, uma vez que, geralmente, quando pensamos em texto, pensamos apenas em palavras, isto é, inferimos que quando não existem palavras (ou se existem poucas), não existe texto. Além disso, é muito comum que quando um texto verbal (palavras) vem acompanhado de um não verbal (imagem) deixemos as imagens de lado. **Cuidado!** Isso prejudica muitas vezes a nossa compreensão total do texto! Portanto, diferentemente do que imaginamos, aqui temos um exemplo em que o texto serve como complemento a ideia transmitida na imagem, ou seja, é apenas observando tanto o texto quanto a imagem que teremos o sentido completo da informação contida no quadro 3.

Dessa forma, não podemos entender a noção de texto como algo que tem a palavra como elemento principal, mas sim como algo construído a partir de diferentes textualidades com a intenção de comunicar uma ideia específica, isto é, uma unidade de sentido, ok? Portanto, um texto pode ser formado por palavras, mas também por imagens, sons, desenhos, dança, etc.

Agora, vamos imaginar mais uma situação: Quando encontramos um amigo na rua e começamos a conversar com ele, estamos produzindo um texto? Um texto pode ser apenas falado? Não é necessário para que haja um texto, que ele seja escrito?

De forma alguma! Quando conversamos temos a intenção de comunicar algo, isto é, de compartilhar e deixar claras as nossas ideias para o nosso interlocutor. Assim, se existe a intenção de comunicação, logo, existirá o texto! A partir disso tudo, então, podemos concluir algumas coisas em relação ao que define algo como **texto**:

- ✓ Um texto não é apenas um conjunto de palavras e frases. Ele precisa ter um sentido para que haja comunicação.
- ✓ Um texto não é apenas verbal. Ele pode ser também imagético, musical, cênico...
- ✓ Um texto não é apenas escrito. Ele pode também ser oral.

Você percebeu como as palavras unidade, sentido e comunicação estiveram presentes em todas as situações exemplificadas? Pois é, serão elas que nos auxiliarão na tentativa de definir, genericamente, o que é texto.

Dessa forma, podemos concluir, genericamente, que:

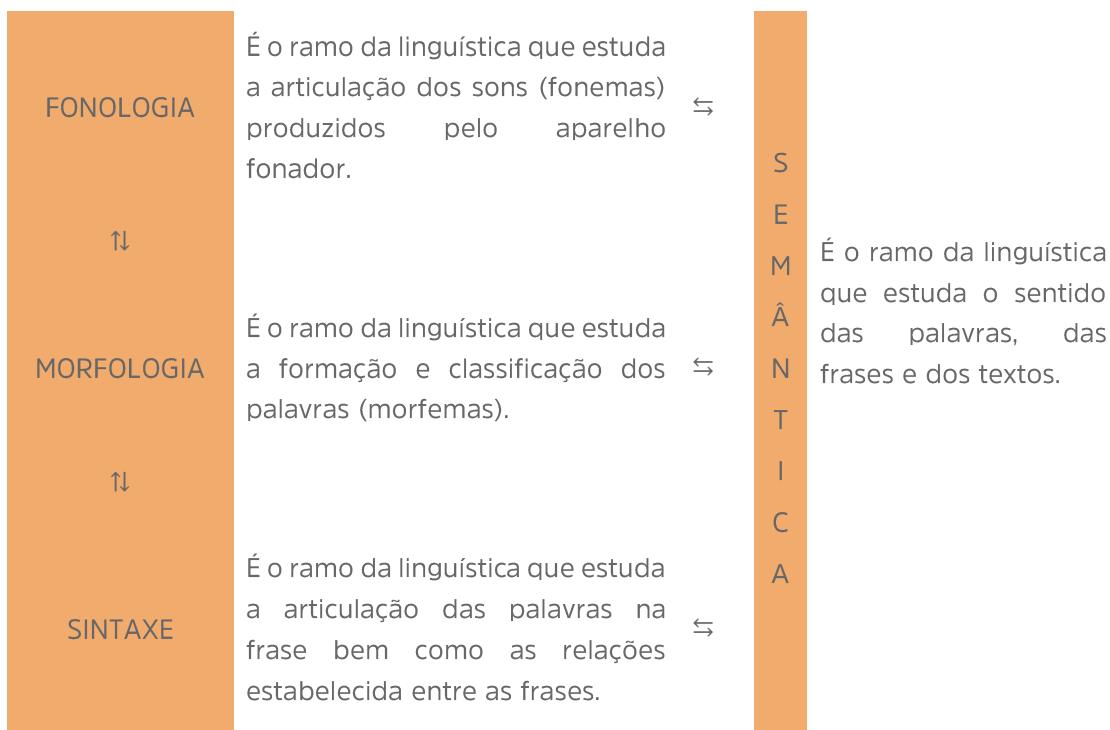
Texto é uma unidade de sentido que visa comunicar uma ideia ou opinião.

Até aí, tudo bem, mas como se dá esse processo? É exatamente o que vamos ver no próximo capítulo...

FORMA E SITUAÇÃO ENUNCIATIVA

Você já reparou como a estrutura de um texto pode ser comparada a um tecido? Quando compramos uma blusa, por exemplo, não pensamos na quantidade de linhas ou mesmo a forma como elas estão ligadas uma a outra, não é? Com texto é o mesmo! Quando lemos um texto em um jornal ou revista, não notamos todos os mecanismos (como as palavras, as frases, os períodos, os parágrafos) que estão ligando as partes para que possamos entendê-lo enquanto unidade.

Assim, todas as unidades da língua se unem para formar uma unidade maior de sentido, isto é, o texto. Na imagem a seguir, você poderá perceber como a língua se articula para conseguir alcançar esse efeito: parte dos sons para formar as palavras, que se organizam em frases.



Viu como cada parte do texto se liga com as outras para que a totalidade de sentido textual seja alcançada? Todas se implicam mutuamente! Principalmente a semântica, que implica simultaneamente em todas as outras partes. Portanto, o sentido começa a ser construído da menor unidade (micro) para formar o texto em si (macro).

No entanto, o que caberia perguntar aqui é se o texto é, então, apenas uma operação linguística em que os elementos fonéticos, mórficos e sintáticos se articulam e geram o sentido por si só?

A resposta é: Não! **O sentido só é possível porque existe um mundo lá fora!** Não esqueça que a língua é um sistema de representação do mundo e, portanto, com ele se relaciona diretamente no que diz respeito ao seu valor significativo. Achou complicado? Isso será melhor desenvolvido ao longo dos próximos módulos, ok?

O que precisamos ter em mente agora é simplesmente que o texto não é apenas uma operação linguística em que elementos isolados são justapostos dentro de uma mesma estrutura. Esses elementos, para efetivamente formar um texto, relacionam-se semanticamente, isto é, tem sentidos que fazem parte de um mesmo campo semântico.

Sendo esse o cenário, voltamos a nossa primeira afirmativa: O texto não é apenas uma unidade linguística, mas sim, uma unidade comunicativa. Ele busca sempre comunicar alguma ideia ou opinião.

Entretanto, a depender de contextos e situações comunicativas específicas, um texto pode ter seu sentido modificado completamente. Como assim? Vamos ao exemplo!

para laura

Adeláide Ivánova

em 1998 quando encontraram
o corpo gay de matthew shepard
sua cara tinha sangue por todo lado
menos duas listras
perpendiculares
que era por onde suas lágrimas
haviam escorrido
naquele dia o ciclista
que o encontrou não
ligou para polícia logo que o viu
porque o corpo de matthew

estava tão deformado
que o ciclista achou ter visto
um espantalho

sábado passado em são paulo
a polícia matou laura
não sem antes
torturá-la laura
foi filmada ainda viva
por outro sujeito
que em vez de ajudá-la
postou no youtube o vídeo
d'uma laura desorientada
e quem não estaria
tendo sangue na boca e na parte
de trás do vestido

laura tem um corpo
e um nome que lhe pertencem
laura de vermont presente!
foi assassinada pela nossa indiferença
e pela polícia brasileira
tinha 18 anos
sábado passado.

Leu? Forte, né? Esse poema é de uma poeta contemporânea nossa: Adelaide Ivánova. Ela tem essa escrita potente, mas antes de continuarmos você sabe quem foi Laura de Vermont? Ela era uma mulher transexual, que como diz no poema, foi espancada até a morte pela polícia enquanto espectadores assistiam ao crime e depois ainda postaram o vídeo na internet. Diz tanto da nossa humanidade, né? Se você não conhece a história dela, pesquise! O caso dela desencadeou uma série de manifestações pelos direitos das pessoas transsexuais.

Nesse sentido, perceba como esse texto se diferencia ao mesmo tempo que se aproxima dos outros. Não entendeu? Vamos lá! A temática de todos é muito similar. O primeiro exemplo de texto tinha a função de informar sobre os direitos adquiridos por pessoas trans (o uso do nome social para realizar matrícula). O segundo era uma campanha do estado do Rio de Janeiro, que tem como objetivo conscientizar a população em relação a necessidade de respeito ao uso do nome social. Já no poema o objetivo é sensibilizar o leitor a realidade de muitas pessoas trans. Dessa forma, embora não existe um questionamento sobre o uso do nome social, esse se relaciona com os outros, uma vez que, apresenta a dura realidade de grande parte da população trans, isto é, em formas diferentes tanto o assassinado quanto o desrespeito ao uso do nome social são formas de violência

contra as pessoas trans. Entendeu? Assim, podemos dizer que todos os textos estão estabelecendo relações entre si, isto é, existem relações de **intertextualidade** entre todos os textos.

É importantíssimo notar que, embora tais relações sejam estabelecidas, cada texto foi escrito por um autor diferente, visando um público diferente e com um objetivo comunicacional diferente, ou seja, cada texto pertence a um contexto enunciativo específico e isso influência tanto na construção quanto na leitura e produção de um texto. Mas na prática, o que isso significa? Significa que não lemos um poema como e fosse uma notícia de jornal ou uma campanha publicitária como se fosse um poema, não é? Isso tudo vai ficar mais claro quando formos falar em tipos e gêneros textuais, mas por enquanto nos basta perceber os diferentes contextos enunciativos que os textos são produzidos, circulam e são lidos, beleza?

Assim, podemos concluir que

O texto é uma unidade de sentido, a depender de um contexto/situação, que tem como objetivo comunicar uma ideia ou opinião a partir de uma forma específica.

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

E por falar em diferentes contextos enunciativos, você já ouviu alguém falando que não-sei-quem assassinou o português? Pois é. Isso hoje em dia ainda é uma ideia que circula bastante por ai, mas cuidado, pois ela em geral reflete apenas um preconceito em relação as variadas formas de uso da língua. Como assim variadas formas de uso da língua? A língua portuguesa não é uma só?!

Mas claro que não! Olha o tamanho do Brasil! Além disso, lembra que não é só no Brasil que se fala português. Portugal, Moçambique, Angola e muitos outros países também falam esse idioma, mas com inúmeras variações, pois a língua é algo vivo e se relaciona com aspectos culturais, identitários, etários, de gênero e até mesmo geográficos! **Viva a diversidade!**

Portanto, antes de julgar alguém como falando “errado” ou falando “certo” vamos pensar melhor e ver o que essa variante realmente significa para os seus usuários, beleza?

Agora vamos ao teste final: Observe as placas abaixo e reflita: elas estão corretas?



Carrinho de Tapioca.



Menu de Restaurante.

Por mais que a Constituição Federal diga que a Língua Portuguesa é a língua oficial do Brasil, é uma grande ilusão pensar que se fala apenas uma língua em nosso país. A língua, como já dito, varia em função de vários fatores, como idade, região de origem e classe social do falante. No entanto, quando a variação linguística não é reconhecida, há a tendência de valorizar e dar prestígio apenas à norma culta, ditada por uma classe dominante com acesso à escolarização – e que, em nossa sociedade, está diretamente associada ao poder aquisitivo. Isso evidencia a carga ideológica que existe em estabelecer uma norma como correta e todas as outras como incorretas!

Mas então, as placas estão certas ou não?

A resposta é: depende do contexto. De acordo com a norma culta, não; de acordo com o contexto em que estão inseridas, podem estar corretas sim. Essas placas se encontram em locais que usam uma variedade coloquial da língua. A questão não é falar certo ou errado, mas utilizar a forma mais **adeuada** ao contexto em que nos encontramos. Tanto na língua oral quanto na língua escrita, devemos usar a variedade linguística de acordo com o interlocutor ao qual o texto se dirige. Para isso, é importante que saibamos usar diversas variedades do português. Assim, quando nos questionamos se alguma palavra ou frase está certa, devemos antes nos questionar: **de acordo com qual contexto?**

Vale lembrar que vamos para a escola para aprender os variados contextos enunciativos, mas sobretudo para sermos apresentados à norma padrão, isto é, espera-se que o estudante seja capaz de adequar-se aos mais variados contextos e que seja também tão apto a compreender e reproduzir a norma de maior prestígio social. Portanto, o contexto do **vestibular**, em que precisamos escrever uma **redação** para ingressar no nível superior, é um contexto bastante específico e para o qual precisamos utilizar a **norma padrão da língua escrita**, ok?

A FORMA QUE COMUNICA

Já falamos bastante de conteúdo, sentido, valor político e ideológico que a nossa língua carrega. Agora, vamos nos voltar um pouco mais para a forma, pois ela também comunica! Lembra que acabei de te mostrar o quanto o contexto, o autor e o leitor vão influenciar no sentido do texto? Bom, agora vamos ver como a forma também cumpre esse papel! Vamos focar aqui nos diferentes tipos textuais e na infinidade de gêneros deles decorrentes. Bora lá?

TIPOS TEXTUAIS

Sabendo o que é um texto, compreendemos que haverá sempre um contexto ao qual reconheceremos a sua forma e situação comunicativa. Com isso, nós temos os tipos textuais, que além de apresentarem uma forma específica, apresentam uma estrutura gramatical que determinará qual o tipo textual que estamos falando. Vejamos o quadro abaixo:

Os viajantes e a ursa

Dois amigos iam por uma estrada. De repente surge uma ursa. Um deles logo sobe numa árvore para se esconder. O outro, vendo-se quase pego, deitou no chão e se fingiu de morto. A ursa passa o focinho sobre ele, fareja-o daqui, fareja-o dali, e ele de respiração presa. (Dizem que os ursos respeitam os mortos.) O animal se foi e o que estava na árvore desceu e perguntou ao amigo o que a ursa lhe havia dito no ouvido. “Para não viajar mais com amigos que nos deixam sozinhos no perigo”, respondeu.

É nas vicissitudes que conhecemos os amigos.

(Fonte: Fábulas, de Esopo. p. 13, 1997)

“Não parava aí a fealdade da pobre Emília. A óssea estrutura do talhe tinha nas espáduas, no peito e nos cotovelos, agudas saliências, que davam ao corpo uma aspereza hirta. Era uma boneca, desconjuntada amiúdo pelo gosto ao mesmo tempo brusco e tímido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava na sombra. A barba fugia-lhe pelo pescoço fino e longo; faces, nas as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.”

(Trecho do livro Diva, de José de Alencar)



a·mi·za·de

(latim vulgar amicitas, -atis, do latim amicitia, -ae)

substantivo feminino

1. Sentimento de afeição e simpatia recíprocas entre dois ou mais entes

(ex.: obrigado pelo carinho e pela amizade). ≠ DESAMIZADE, INIMIZADE

2. Pessoa em relação a quem se tem esse sentimento (ex.: fazer novas amizades). = AMIGO

3. Relação de entendimento, concordância, afinidade (ex.: amizade luso-angolana). ≠ INIMIZADE

4. [Antigo] Concubinato, mancebia.

5. [Brasil, Informal] Forma de tratamento cordial (ex.: tudo bem, amizade?). = AMIGO, CHAPA, NOSSA-AMIZADE

amizade colorida

Relacionamento afetivo e sexual sem compromisso assumido com o parceiro.

"amizade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,

<https://www.priberam.pt/DLPO/amizade> [consultado em 23-02-2017].

A natureza dual do humor

O humor é visto, na contemporaneidade, tanto como uma maneira saudável de tornar a vida humana mais alegre quanto como uma poderosa arma destinada a perpetuar ideias e convicções. Se debochar de qualquer grupo ou indivíduo é uma dádiva da democracia, também pode ser uma ferramenta para a difusão de preconceitos.

Bolo de cenoura

Em um liquidificador, adicione a cenoura, os ovos e o óleo, depois misture;

Acrescente o açúcar e bata novamente por 5 minutos;

Em uma tigela ou na batedeira, adicione a farinha de trigo e depois misture novamente;

Acrescente o fermento e misture lentamente com uma colher;

Asse em um forno preaquecido a 180° C por aproximadamente 40 minutos.

(Fonte:

<http://www.tudogostoso.com.br/receita/23-bolo-de-cenoura.html>)

A liberdade de expressão é uma conquista recente. Há menos de cinquenta anos, a primeira das muitas ditaduras de segurança nacional da América Latina colocava em prática o AI-5, uma medida que aumentava a rigidez do processo de censura. Aliados à lembrança de períodos como o Estado Novo e o Brasil colonial, os “anos de chumbo” serviram para transformar o direito de expressar opiniões em uma prioridade da sociedade pós-Ditadura. Sendo o humor um potente recurso para a crítica do “status quo”, sua defesa faz-se necessária em tentativas de impor-lhe restrições.

Todavia, é justamente por conta de todo humor ter um discurso ideológico por trás que é preciso cautela em sua utilização. Para fazer alguém rir, basta encontrar um grupo com o qual o indivíduo não simpatize e fazer chacota com seus integrantes. Piadas envolvendo chefes de trabalho são comumente fontes de gargalhadas graças ao desgosto da maioria por hierarquia. Entretanto, minorias já estigmatizadas, como mulheres, homossexuais e afrodescendentes, são alvos fáceis de deboche. Nesse caso, o humor serve para perpetuar ideias retrógradas, retardando o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

A natureza dual do humor, com sua capacidade de fazer o pensamento humano tanto evoluir quanto retroceder, é, portanto, um fator que deve ser levado em conta ao avaliar os impactos que essa forma peculiar de comunicação provoca no mundo. Apesar de sua enorme importância ao desenvolvimento da criticidade na população, precisa-se estipular limites para que o riso de alguns não prejudique uma sociedade inteira.

(Redação escrita por um aluno da UFRGS para o vestibular de 2013

Textos lidos? O que vocês perceberam neles? Há características que vocês conhecem de outros textos que já encontraram na vida de vocês que se assemelham a esses? Você sabem como cada texto aqui se chama?

Pois bem, vamos falar rapidamente sobre cada um:

O primeiro texto é uma fábula, uma história que é narrada por alguém que especifica (ou não) o tempo, além de situar as personagens em um espaço, um lugar. Além disso, uma história narrada sempre terá um início, meio e fim. Nesse tipo textual, chamado **narrativo**, há uma presença muito forte de verbos de ação no pretérito imperfeito e no presente do indicativo.

No segundo texto, há um trecho do livro Diva, do escritor brasileiro José de Alencar. No trecho selecionado, podemos imaginar como é a Emília, não? Quando

nos deparamos com textos desse formato, que apresentam traços, características de um ser vivo, de um objeto ou de uma cena, nós estamos falando do tipo textual chamado **descritivo**. Nesse tipo textual, há presença dos verbos no presente do indicativo, principalmente, e no pretérito perfeito e imperfeito, além do uso muito presente dos adjetivos.

Já no nosso terceiro exemplo há um verbete de dicionário da palavra amizade. Nesse tipo de texto, o objetivo é apresentar um conceito ou uma ideia. Esse tipo textual, chamado **expositivo**, é muito presente no contexto escolar e acadêmico. Em relação às marcas linguísticas predominantes nesse tipo textual, o que fala mais alto é o uso da terceira pessoa.

Assim, no quarto texto, nós temos um outro texto bem comum do nosso dia a dia: as receitas. Nesse tipo textual chamado **injuntivo**, há a intenção de induzir o leitor a praticar atos ou ter atitudes. No tipo injuntivo, o uso dos verbos no modo imperativo é o que predomina.

Por fim, no último texto... bom, vocês reconheceram o tipo textual desse texto de algum lugar? Aposto que vocês já tiveram que escrever pelo menos uma vez na vida um texto como esse do exemplo, certo? Aqui nós temos um texto do tipo textual **argumentativo**. Isto é, nesse tipo textual haverá sempre um autor posicionando-se sobre um determinado fato com o intuito de convencer o leitor a acreditar na sua palavra, utilizando, para isso, termos que estabeleçam uma relação de causa, condição, contraste, etc.

GÊNEROS TEXTUAIS

Apresentado os tipos textuais, nos deparamos agora com os gêneros textuais, que não é nada mais, nada menos do que os textos que encontramos na nossa vida diariamente. Como assim? Gênero textual é tudo aquilo que produzimos oralmente ou não (como temos visto ao longo da apostila) com um propósito e sempre será direcionado a alguém (interlocutor). Leiamos o quadro abaixo.



Os gêneros textuais possuem, naturalmente, uma forma preestabelecida, fato que implica determinados objetivos também preestabelecidos. Uma carta, por exemplo, pretende interagir com o seu interlocutor de modo explícito, dirigindo-se a ele; uma receita pretende ensinar o seu leitor a fazer alguma “coisa”, desde uma comida até uma peça de roupa; um conto, pertencente à literatura e à arte, tem o objetivo de narrar uma história ficcional. O gênero textual envolve, portanto, a forma textual e os objetivos desse texto.

Dito isso, quando falamos de gêneros textuais devemos separá-los bem dos tipos textuais, pois nos gêneros as marcas linguísticas não são determinantes para classificar um determinado gênero. Ou seja, o que vai determinar um texto pertencente aos gêneros textuais vai ser a atividade social que ele estará desempenhando.

TEXTO VERBAL E NÃO VERBAL

Texto é tudo, certo? Tudo que fazemos é texto: o que falamos, o que escrevemos, o que vemos, o que escutamos. Bom, então o que seria texto verbal e texto não verbal? Pensem rápido! Chegaram a alguma conclusão?

Texto verbal será aquele em que...



Isso mesmo! O texto verbal será aquele em que escrevemos ou falamos. E o texto não verbal, por sua vez, será aquele em que utilizamos imagens, sons, fotografias, pinturas, gestos, etc.

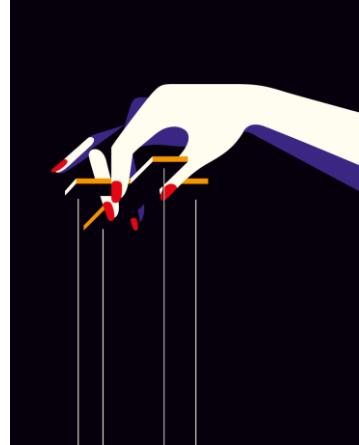


(Beyoncé no clipe de Formation, 2016.)

TEXTO IMAGEM

O texto imagem, como vimos anteriormente, é chamado de texto não verbal, porque ele não se manifesta de forma escrita ou falada. No entanto, nós enxergamos ele e, através do olhar, inferimos conceitos a partir do que visualizamos.

Vamos experimentar essa leitura imagética?



(Fonte: <http://malikafavre.com>)

Observaram essas duas imagens? Elas são da artista francesa contemporânea Malika Favre. Então, o que vocês interpretam olhando essas imagens? Qual significado vocês dão a elas?

Podemos pensar que nessas imagens, há uma mulher bem-sucedida na vida, de personalidade forte e dona de si, assim como uma pessoa que pode gostar de manipular a vida das pessoas mais próximas - ou não. Contudo, ao acessarmos a página da artista, descobrimos que essa imagem faz parte de uma coleção que se

chama God Mothers (Madrinhas). A partir disso, o que vocês acham sobre o título e o que vocês interpretam das imagens? Vai ao encontro do pensamento de vocês?

Portanto, queridos, no texto imagem tudo significa: a cor, o traço, a sombra, o quadro. E o que faz tudo ser do jeito que está sendo posto é o autor, fazendo com que a interação texto imagem se dê leitor/contexto.

TEXTO MUSICAL E TEXTO DANÇANTE



Em consonância ao que foi apresentado no item acima, o texto musical e texto dançante também não fazem parte do texto verbal. Nesses textos, o significado se dá pelo som e pelo movimento. Além disso, serve como um veículo de comunicação e expressão de valores e crenças, muitas vezes de um povo, de uma cultura.

TEXTO CÊNICO E TEXTO CINEMATOGRÁFICO



(Marilyn Monroe em “Quanto mais quente melhor”, 1959)

Uma vez que, no universo do teatro e do cinema a pluralidade das interpretações permite uma ambiguidade e há um nível informativo muito alto -

composto pelo cenário, figurino, relações pessoais, construção das personagens e, algumas vezes, o texto escrito -, o que permitirá uma boa interpretação desses textos será quando o leitor/interlocutor com o seu contexto atribuir sentidos para o que está assistindo. Por fim, nos textos cênicos e cinematográficos, não há distanciamento do que estamos falado até então. Entretanto, nesses textos o encontro de produtor/autor e interlocutor ocorrerá somente no momento de interpretação da imagem.

Tudo certo até aqui? Que bom! Não podemos esquecer que todo o texto é composto de elementos textuais e contextuais que auxiliam na construção de seu sentido! Além disso, a forma (tipo e gênero) também são bem importantes no que diz respeito ao que se objetiva comunicar com determinados textos, não é?

Por fim, para além daquela ideia de que texto é só palavra, não podemos também esquecer que um texto pode até mesmo não ter palavra nenhuma! Um texto pode ser sonoro, imagético, cinematográfico ou misturar elementos de todos eles e ainda por cima ter muitas palavras! Dessa forma, a leitura de um texto que não é apenas verbal deve levar em consideração todos esses aspectos que são não verbais também!

Tranquilo? Agora vamos dar uma olhada em vários outros elementos que também vão auxiliar na construção dos sentidos do texto!

FIGURAS DE LINGUAGEM

Antes de estudarmos as figuras de linguagem, precisamos saber a diferença entre **denotação** e **conotação**. Denotação é o sentido convencional de uma palavra, aquele que é encontrado no dicionário. Conotação é o sentido que uma palavra ou expressão adquire em determinado contexto, é o sentido figurado. Para melhor compreensão, leia o trecho de um poema de Florbela Espanca:

E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...

No último verso da estrofe, temos a expressão “rosto de monja de marfim”. Marfim é um material nobre branco-amarelado, feito a partir dos chifres de animais como elefante e rinoceronte. Será que o rosto do eu-lírico realmente é feito desse material? Obviamente, não. É uma expressão que possui uma conotação, um sentido figurado. No caso do poema, faz alusão a um rosto claro, delicado e valioso, como o marfim. Caso ainda fique confuso, é só lembrar que denotação, que representa o sentido literal de uma palavra, começa com “D”, de “dicionário”.

Quando uma palavra possui conotação ou sentido figurado, faz-se uso de figuras de linguagem. Elas podem ser classificadas em três grandes grupos: figuras de palavras, figuras de pensamento e figuras de construção ou de sintaxe.

Comparação – destaca as semelhanças entre dois termos, fazendo uso de palavras ou expressões que ligam esses dois termos. Exemplo: como, tal qual, assim como, etc. Veja um exemplo na música de Lulu Santos e Nelson Motta:

“A vida vem em ondas como o mar.”

Metáfora – muito semelhante à comparação, porém não possui um elemento que ligue os dois elementos. No mais, é uma figura que coloca a palavra fora do seu sentido literal. Olhe como isso ocorre na música da banda Cogumelo Plutão:

“Você é a escada da minha subida.”

Catacrese – figura que se emprega quando, literalmente, faltam palavras. A catacrese ocorre quando usamos uma palavra em um outro contexto, por falta de palavra específica:

O passageiro embarcou no avião.

“Embarcar” é um verbo que significa “entrar no barco”. Porém, como não existe nenhum verbo para “entrar no avião”, emprega-se o verbo “embarcar”.

Metonímia – nessa figura, trocamos um termo por outro, mas os dois possuem algum tipo de relação entre si. Essas relações podem ser dos mais diferentes tipos, como veremos nos exemplos a seguir.

O autor pela obra:

Adoro ler Cecília Meireles.

Nesse caso, não se está lendo a pessoa Cecília Meireles, mas a obra da autora.

O continente pelo conteúdo:

A Carol e a Ju beberam uma lata de refrigerante no almoço.

É óbvio que as meninas não beberam a lata, mas sim o líquido dentro dela.

O sinal pela coisa significada:

O trono espanhol é ocupado pelo rei Felipe VI.

“O trono”, nesse caso, representa a liderança da monarquia.

Existem outros casos de metonímia, mas seria uma lista exaustiva e que não daria conta da diversidade e da flexibilidade com que “brincamos” com palavras e expressões transformando-as nessa figura de linguagem chamada metonímia. Ainda que ela possa ser confundida com a catacrese, é possível diferenciá-las por uma questão importante: a catacrese só ocorre quando faltam palavras específicas

no léxico, ao contrário da metonímia, em que só se opta por usar uma palavra que represente outra.

Antonomásia – é uma figura que define uma pessoa por alguma alcunha que lhe foi atribuída (espécie de “apelido”) ou alguma característica marcante.

Morre, aos 87 anos, a Dama de Ferro.

Dama de Ferro é uma referência a Margaret Thatcher, conhecida por essa alcunha por tomar medidas liberais durante seu governo na Inglaterra, nos anos 80.

Perífrase – ocorre quando uma expressão de extensão maior é usada no lugar de uma palavra.

A falta de alegria constante do adolescente deve alertar os pais.

Nesse exemplo, a expressão “falta de alegria” poderia ser simplesmente trocada pela palavra “tristeza”.

Sinestesia – figura muito comum na literatura, principalmente na poesia. Quando sensações ou sentidos se cruzam. Veja o exemplo em um trecho do texto “Águas vivas não sabem de si”

“Ele os invejava. Diferente do golfinho ou cachalote, o doutor não tinha em seu corpo a aparelhagem necessária para ver ruídos, saber o que eles significavam, formar um quadro a partir de ondas sonoras, enxergar pelo som em um mundo sem luz.”

FIGURAS DE PENSAMENTO

São figuras que trazem uma ideia diferente daquela que a palavra e/ou expressão apresenta usualmente. São elas: antítese, ironia, eufemismo, hipérbole, reticência, gradação, apóstrofe, prosopopeia e paradoxo.

Antítese – para destacar um conceito ou uma ideia, usa-se palavras de sentido oposto lado a lado.



Ironia – é uma figura de pensamento muito comum, mas difícil de explicar, pois é típica da língua falada. Em geral, usa-se palavras e expressões que significam o contrário do que se pensa, para demonstrar irritação, frustração ou sarcasmo:



Fonte: <http://bichinhosdejardim.com/shopping-1/> Acesso em: 28/08/2016

Se pensarmos na tirinha inteira, é possível perceber a ironia da última fala de Joaninha: ela está criticando a opção de Tuta de ir ao shopping.

Eufemismo – ao invés de optar por uma palavra que possa ofender a alguém, elege-se uma palavra ou expressão mais amena.

“Fani Pacheco chama a atenção com quilinhos a mais e dispara: “Sou ser humano””

Fonte: <http://www.portalholanda.com.br/famosos-tv/fani-pacheco-chama-atencao-com-quilinhos-mais-e-dispara-sou-ser-humano> Acesso em: 26/08/2016.

No caso acima, o site optou por dizer que a celebridade estava com “quilinhos a mais”, ao invés de dizer que ela estava gorda, de maneira a atenuar a expressão, para evitar um possível desrespeito.

Hipérbole – é a figura de linguagem do exagero, na maioria dos casos usada para enfatizar a frase.

“Vamos almoçar, estou morrendo de fome.”

Gradação – são ideias ou expressões dispostas em uma determinada ordem e função na frase. É muito comum na música, dando a ideia de pontos altos e pontos baixos:

“Uma pírueta / Duas píruetas / Bravo, bravo / Superpiruetas / Ultrapiruetas”

Prosopopeia ou personificação – ocorre quando se atribui características humanas e/ou animais a seres inanimados.

“A guitarra do último álbum da banda ficou insana.”

Paradoxo ou Oxímoro – São duas ideias opostas e excluídas que aparecem na mesma frase. O exemplo clássico dessa figura de linguagem está no soneto abaixo, de Luís de Camões:

Amar é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

Toda dor dói e todo contentamento é contente. Uma dor que não se sente e um contentamento descontente são paradoxos, que podem ser considerados figuras de pensamentos.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO OU DE SINTAXE

Elipse – quando um termo da frase é omitido, sem prejudicar o sentido da frase.

A sala de espera lotada, todos esperando.

Após a palavra “todos”, está implícito o verbo “está” e essa omissão não atrapalha a compreensão global da frase.

Zeugma – é uma figura de sintaxe muito semelhante à elipse, a diferença é que a zeugma se refere a termos que já foram mencionados na frase e apenas não são repetidos.

Uma tia me perguntava sobre as namoradas; a outra, sobre os estudos.

Como podemos observar, o verbo “perguntava” está implícito na segunda parte da frase, sem precisar ser mencionado.

Pleonismo – o pleonismo pode ser considerado um vício de linguagem, mas, se usado com a intenção de atribuir estilo à frase e/ou para dar ênfase a uma ideia, por exemplo, pode ser um recurso interessante, principalmente em textos literários.

SUBVERSÃO

abrir a porta,
todas as manhãs
colocar o tijolo que cabe
no edifício da superprodução de bens.

ao meio-dia pastar nuvens,
depois de comer
boa comida para bons músculos.

ao fim do expediente,
retirar, sorrateiro, o tijolo, penélope.

pelo prazer de furtar o troféu
da eficiência operária.

O poema Subversão, de Marília Kubota, trata da vida operária e explora imagens comuns nessa rotina: o passar do tempo, os materiais, a produção, etc. O trecho “depois de comer / boa comida” é um pleonasmo aplicado com um fim estético, para enfatizar o ato de comer, marcando o horário do meio-dia, assim como o meio do poema. Ou seja, o pleonasmo, nesse exemplo, está bem explorado enquanto recurso da língua, e está longe de ser um vício de linguagem.

Anáfora – é a repetição de um termo no início de versos seguidos. É também uma figura própria da poesia.

pedra lume
pedra lume
pedra
esta pedra no meio do
caminho
ele já não disse tudo,
então?

Nesse poema de Ana Cristina César, a poeta usa a figura de construção chamada anáfora ao repetir a palavra “pedra” no início de versos seguidos, resgatando o poema clássico de Carlos Drummond de Andrade, “No Meio do Caminho”.

Hipérbato – é a inversão na ordem direta dos termos da frase. Talvez o caso de hipérbato mais famoso seja o do nosso Hino Nacional Brasileiro:

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos
Brilhou no céu da pátria nesse instante”

Na ordem direta, esses versos seriam: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico e, nesse instante, o sol da Liberdade brilhou, em raios fúlgidos, no céu da Pátria”.

FIGURAS DE HARMONIA (OU RECURSOS SONOROS)

Aliteração – é a repetição de uma mesma consoante. Assim como quase todas as outras figuras de harmonia, é comum na poesia e também na música. Observe nesse poema de Hilda Hilst

Fui pássaro e onça
Criança e mulher.
Numa tarde de sombras
Fui teu passo.

Lembrando que repetição de consoante é a repetição do fonema e não da letra. Nesse poema, o fonema /s/ é repetido várias vezes nas palavras pássaro, onça, criança, sombras e passo. Como podemos ver, esse fonema é representado por diferentes letras, como “ss”, “ç” e “s”.

Assonância – é semelhante à aliteração, com a diferença de ser referente à repetição de vogais, não de consoantes. Observe esse poema de Paula Glenadel:

Entreato
crio rato
como mato
beijo sapo
cato cato cato

faço nada
bebo água
batô lata
tapo tapo tapo

limpo prato
chupo prego
danço frevo
fervo fervo fervo

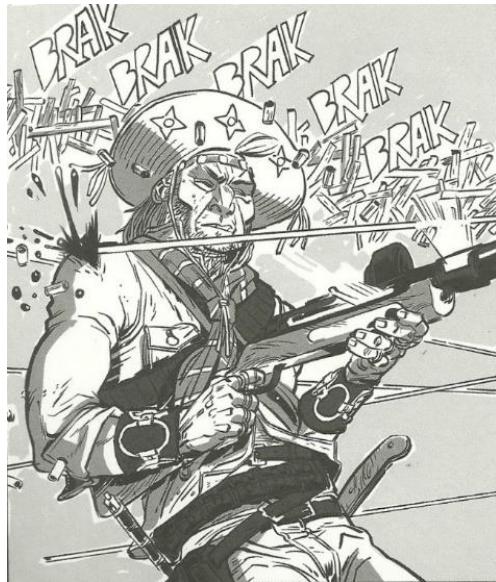
Ao longo de todo poema, temos a presença marcante da vogal “o”.

Paronomásia – é um conjunto de palavras que não estão relacionadas em questão de sentido, mas que possuem uma sonoridade semelhante. Também é uma figura comum na poesia. No Brasil, foi amplamente explorada pelos poetas concretistas, como Décio Pignatari e Augusto de Campos:



| | | | | | | |
|-----------|------|------|------|------|------|------|
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |
| LUXO LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO | LUXO |

Onomatopeia – quando uma palavra ou expressão procura imitar um som.



BEYRUTH, D. Bando de Dois. Campinas: Zarabatana Books, 2010. p. 69.

Neste quadrinho do romance gráfico Bando de Dois, de Danilo Beyruth, a onomatopeia “brak, brak, brak” representa o som dos tiros.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

| Vício | Definição | Estrutura | Problema |
|-------------|---|---|--|
| Ambiguidade | Quando uma frase fica confusa, com mais de um sentido. | A socióloga respondeu à entrevistadora que era baiana. | Quem era baiana, a socióloga ou a baiana? |
| Barbarismo | Quando se fala ou se escreve certas palavras de forma errada de acordo com a norma culta. | O cerumano se adapta às mais diversas condições climáticas. | De acordo com a norma culta: O ser humano se adapta às mais diversas condições climáticas. |
| Cacofania | Defeito sonoro; quando duas palavras juntas possuem efeito sonoro | Mande-me já os documentos. | Ao falar essa frase, ela pode ser compreendida como “Mande mijá os documentos”, causando |



| | | | |
|-------------------|---|--|---|
| | desagradável ou constrangedor: | | constrangimento para quem fala e para quem ouve. |
| Pleonismo vicioso | O pleonismo é considerado vicioso se a ênfase for dada sem nenhuma contribuição de estilo para a frase: | A vítima chegou ao hospital com uma hemorragia de sangue. | Como sabemos, “hemorragia” é sempre de sangue, nunca de algum outro fluido corporal. |
| Estrangeirismo | Emprego de expressões estrangeiras para expressões que existem em nossa língua: | “Vamos marcar uma meeting para discutir o job e fazer um planning”. | O correspondente da frase em português seria: “Vamos marcar uma reunião para discutir o trabalho e fazer um planejamento. |
| Solecismo | É o erro que infringe regras de sintaxe: | O deputado e o senador discursou na tribuna. | Nesse caso, há um erro de concordância verbal. Como o sujeito é composto, o verbo deveria estar declinado no plural. |
| Arcaísmo | Palavras já em desuso, que não são mais compreendidas pela maioria das pessoas: | Trabalho porque amo minha profissão. Outrossim, preciso me sustentar. | Trabalho porque amo minha profissão. Além disso, preciso me sustentar. |

Observação: muitos desses vícios de linguagem – como barbarismo, estrangeirismo, solecismo, pleonismo e arcaísmo – são considerados “erros” apenas se o contexto for o da norma culta. Como vimos no item inicial dessa apostila, determinadas construções podem estar corretas de acordo com contexto em que são empregadas.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Observe o local em que você se encontra. Você provavelmente está em uma sala, que pertence ou a sua casa ou a sua escola. De que ela é constituída? Provavelmente há estruturas como piso, paredes, teto e janelas. Nós usufruímos desses elementos sem pensarmos neles isoladamente, apenas como um conjunto. Pois é isso que faremos agora, vamos estudar as “paredes” e as “janelas” das palavras, ou seja, as estruturas que formam as palavras. Assim você poderá ter mais segurança ao escrever as suas redações. Na próxima unidade, vamos estudar morfologia, ou seja, as classes gramaticais. Para isso, precisamos antes saber como as palavras se estruturam e reconhecer os elementos que as formam.

Antes de seguir adiante, vamos aprender alguns conceitos:

Morfemas (ou elementos mórficos) – são unidades de significação que compõem as palavras. Os principais morfemas são: **radical, vogal temática, desinências** (verbais e nominais) e **afixos** (que, por sua vez, dividem-se em prefixos e sufixos).

Palavra - é uma unidade linguística, composta de som e de significado. Palavras compõem enunciados;

Leia o seguinte poema de Angélica Freitas, do livro Rilke Shake:

(...)
você precisa
habitar as elipses
precisa dissecar
o sapo da poesia
– não abole o poço.
salta saltador
o grande salto.
a maresia come
as rodas do carro.
você prefere o cru
nem precisava ter dito

Observe a semelhança entre as seguintes palavras do poema: salta, saltador e salto. Todas iniciam com a sequência de letras “salt-”, a que chamamos de radical. Radical é a parte da palavra que mantém o significado mais essencial.



Se acrescentarmos um “s” à palavra “salto”, estaremos adicionando uma desinência e a palavra ficará no plural, “saltos”. As desinências podem ser nominais (aqueles que indicam gênero e número) ou verbais (que atribuem tempo, modo, número e pessoa).

No caso de “saltador”, foi adicionado um afixo. Nesse caso, foi acrescentado o sufixo “-dor”, que indica “agente de alguma coisa”. No caso da palavra “saltador”, significa “aquele que salta”. Além de sufixos, existem os prefixos, que vêm antes do radical.

Entre o radical “salt-” e o sufixo “-dor”, está a letra a, que está ali como uma vogal temática. Vogal temática é o morfema que se junta ao radical para que ele possa receber outros elementos mórficos, do contrário teríamos a palavra “saltdor”, que não cabe na estrutura fonológica do português. Agora que temos uma noção dos elementos mórficos que compõem as palavras, vamos conferir a tabela com um resumo dos principais processos de formação de palavras.

| Processos de Formação de Palavras | | | |
|-----------------------------------|------------------------------|---|--|
| Derivação: Radical único | Derivação prefixal | É um prefixo adicionado a uma palavra | Reconsiderar: prefixo re- acrescentado à palavra considerar |
| | Derivação sufixal | Acréscimo de um sufixo a um radical | Dobrável: sufixo -ável adicionado ao radical dobr- |
| | Derivação prefixal e sufixal | Acréscimo de um prefixo e de um sufixo à palavra (que pode existir somente com um ou outro) | Infelizmente: existe a palavra infeliz, assim como felizmente |
| | Derivação parassintética | Acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo | Anoitecer: não existe o verbo “noitecer”, sem o prefixo “a-”, o que caracteriza a parassíntese |
| | Derivação regressiva | Choro, deriva de “chorar”; Busca, deriva de “buscar” | Em geral, são substantivos abstratos que derivam de verbos |

| | | |
|--|--|--|
| Derivação imprópria | “Não aceito um não como resposta.” A forma não muda, apenas a classe grammatical | Aqui o “não” funciona como substantivo e não como advérbio, que é sua classe grammatical de origem |
| Composição: Associação de duas ou mais palavras para formar uma outra palavra. | Justaposição | Cachorro-quente (cachorro + quente) Paraquedas (para + quedas) |
| | Aglutinação | Planalto (plano + alto) Vinagre (vinho + acre) |

Outros processos:

Neologismo (empréstimo) - quando usamos uma palavra estrangeira em uma frase escrita em Língua Portuguesa, estamos lançando mão do processo de formação de palavras chamado neologismo ou empréstimo.



A palavra “site”, na propaganda acima, vem da Língua Inglesa e é usada em uma frase da Língua Portuguesa. Mas atenção, a palavra “Flash” aqui não é necessariamente um empréstimo, pois é um substantivo próprio.

Redução - por diversas razões, às vezes até para tornar a fala ou a escrita de uma palavra mais rápida, ela sofre algumas palavras sofrem um processo de redução, perdendo algumas sílabas.

pornográfico = pornô;
motocicleta = moto.

Hibridismo - é a formação de palavras a partir de elementos que possuem origens diferentes. A Língua Portuguesa possui elementos de diversas outras línguas, como Latim, Grego, Tupi, Árabe, etc.

astronauta = grego + latim;
goiabeira = tupi e português.

Onomatopeia - além de ser uma figura de harmonia, a onomatopeia também pode ser considerada um processo de formação de palavras.

Ufa! Acabou? Quanto nome, não é? Como você vai decorar isso?!

Calma lá! Aqui foi só uma lista e alguns exemplos, mas o segredo é ler e escrever cada vez mais atentando para as utilizações das palavras para além de seu sentido denotativo. É na prática com a linguagem (algo que fazemos automaticamente todos os dias!) que vamos aperfeiçoando e conhecendo melhor as lindas possibilidades que ela nos oferece! Leia com atenção, procure ir sempre além com a sua escrita e logo você estará tirando (se é que já não tira) de letra o uso dessas figuras de linguagem!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL (INEP). Manual de Capacitação para avaliação das Redações do ENEM (2013). Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/arquivos/manual-avaliadorENEM2013.pdf>> Acesso em 23.02.2016.

BRASIL (INEP). A redação no ENEM 2013: Guia do Participante. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2013/guia_de_redacao_enem_2013.pdf>. Acesso em 23.02.2016.

EDITAL N° 10, de 14 de abril de 2016, ENEM 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2016/edital_enem_2016.pdf>. Acesso em 13/07/2016.

PARTE I

PORTUGUÊS

02

GÊNEROS TEXTUAIS

meSalva!

GÊNEROS TEXTUAIS

Para começar, vamos observar os textos abaixo.

TEXTO I

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

Manuel Bandeira

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num
barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

TEXTO II



27/03/2016 11h25 - Atualizado em 28/03/2016 08h39

Homem morre afogado após ingerir bebida alcoólica e entrar em rio

Incidente foi no Rio Tietê entre Barra Bonita e Igaraçu do Tietê.
Em outro caso na região, um menino de 3 anos morreu afogado.

FONTE: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/03/homem-morre-afogado-apos-ingerir-Bebida-alcoolica-e-entrar-em-rio.html>

Temos, acima, dois gêneros distintos. O primeiro texto pertence ao âmbito artístico, à literatura, especificamente, o gênero lírico - trata-se de um **poema**. O segundo texto pertence aos textos de circulação prosaica, ou seja, pertence ao dia a dia, à comunicação diária: trata-se de uma **notícia**.

Em alguma medida, ambos os textos - ainda que por meio de gêneros distintos - tematizam algo semelhante: a morte de alguém tendo em vista o uso do álcool. O poema de Manuel Bandeira, inclusive, brinca com esse aspecto, o que podemos observar no título escolhido - "Poema tirado de uma notícia de jornal". Outra característica importante é observarmos que o poema utiliza o tipo textual narrativo - afinal, seleciona verbos para narrar o destino de João Romão. Já o segundo texto apresenta dados e informações sobre o fato em si, tendo apenas como finalidade informar ao leitor um fato ocorrido. Percebeu a diferença? Ambos têm **funções** e **objetivos** diferentes e isso implica na **forma** que o texto vai assumir para ser **recebido pelo leitor**.

Vamos olhar, primeiramente, para a diferença entre o formato dos textos, ou seja, a forma como as palavras, em cada caso, são distribuídas no papel de modo diferente. Isso modifica-se, pois cada texto pertence a um gênero diferente! Assim, nota-se que os gêneros textuais são uma **forma específica**, determinada a partir dos **objetivos comunicacionais** implicados nela. Tranquilo, não?! Os **gêneros textuais estão no dia a dia** e a cada dia um novo gênero pode surgir!

Cada gênero, portanto, apresenta **características específicas**. Uma receita, por exemplo, prevê o ato de ensinar algo - em geral, algo a ser cozinhado; uma notícia de jornal (este, o jornal, é o veículo de comunicação) apresenta uma síntese de um fato ocorrido há pouco tempo; uma carta, por sua vez, é escrita por alguém tendo em vista um destinatário específico, íntimo ou não. Isso tudo enfatiza a questão do objetivo da escrita bem como uma possibilidade de leitura desse texto!

Gêneros textuais e interação

Os gêneros textuais possuem uma forma preestabelecida, tendo em vista, especialmente, os objetivos da comunicação ou interação proposta.

Assim, a disposição das palavras no papel também auxilia a definir o gênero (nesse caso, podemos lembrar da poesia e do romance, ou seja, do verso e da prosa, gêneros literários), bem como o perfil de linguagem selecionado - mais formal ou mais informal. Tudo depende, como dissemos, do **processo de comunicação**.

TIPO TEXTUAL

Diferentemente dos gêneros textuais que são incontáveis, os **tipos textuais** são apenas cinco: **ARGUMENTATIVO, DESCRITIVO, INJUNTIVO, NARRATIVO** e **EXPOSITIVO**, sendo que eles são separados basicamente de acordo com suas propriedades linguísticas (vocabulário, construção frasal, tempo verbal etc). Mas, nada de desespero! É bem fácil compreender cada um deles; o mais importante é saber que os textos por vezes apresentam mais de um tipo textual, mas que um sempre se sobrepõe aos outros. Vamos às explicações...

| | TIPO TEXTUAL NARRATIVO | TIPO TEXTUAL DESCRITIVO | TIPO TEXTUAL EXPOSITIVO | TIPO TEXTUAL INJUNTIVO | TIPO TEXTUAL ARGUMENTATIVO |
|------------|---------------------------|-----------------------------------|----------------------------|--|-------------------------------|
| Quem fala? | Narrador | Observador | Informador | Explicador | Argumentator |
| Conteúdo | Ações, acontecimentos | Seres, objetos, cenas | Informações, fatos, dados | métodos e explicações | Opiniões, argumentos, tese |
| Objetivo | Relatar, contar, narrar | Identificar, localizar, descrever | Apresentar informações | Apresentar métodos e explicações sobre determinado assunto | Discutir, defender, persuadir |

Por que essas definições - tanto de gênero quanto de tipo textuais - são importantes? Porque todo texto possui um autor real, externo ao texto, que se transfigura em um “eu” linguístico (o eu do texto), responsável pela organização textual. Sendo assim, precisamos diferenciar, sempre, o escritor, feito de carne e osso, da construção textual, do “eu” que é um “lugar” linguístico. Essa separação é muito importante, principalmente, para os textos literários.

Neste jogo da escrita, estão envolvidos o **AUTOR**, o **TEXTO** e o **LEITOR**. O ato de ler é, justamente, uma interação entre essas três instâncias, como vimos. Sendo assim, o autor, ao criar sua produção textual, **avalia quais são seus objetivos, escolhe um gênero textual e tecer sua escrita**. O escritor, portanto, possui um **OBJETIVO**, uma **INTENÇÃO**, ao criar um texto. **Essa intenção é transformada em materialidade linguística, ou seja, um texto, que será recepcionado pelo leitor**, cuja tarefa será dialogar com as ideias ali expressas para, em seguida, criar sentidos – os quais não necessariamente serão iguais aos sentidos projetados pelo autor.

A intenção do autor é importante para que ele organize suas ideias antes de escrevê-las. Para o leitor será importante porque, assim, ele lerá um texto coerente e organizado para, com maior facilidade, interagir e compor leituras. Conhecer as marcas estruturais dos gêneros e as definições de tipologia, portanto, apenas auxilia o processo de leitura e interpretação!

AS RELAÇÕES ENTRE TIPO TEXTUAL E GÊNERO TEXTUAL

Como já visto, os gêneros textuais em muitos sentidos se relacionam com os tipos textuais. Assim, cabe observar de forma prática tanto as marcas textuais e linguísticas (tipo textual) quanto a própria forma do texto (gênero) no processo de construção textual. Para isso, observe essa tabela:

| TIPOS TEXTUAIS | GÊNEROS TEXTUAIS |
|----------------|--|
| NARRATIVO | tipo textual <u>predominante</u> em gêneros como conto, romance, crônica, fábula, piada... |
| ARGUMENTATIVO | tipo textual <u>predominante</u> em gêneros como manifesto, resenha, editorial, crítica, redação dissertativa... |
| DESCRITIVO | tipo textual <u>predominante</u> em gêneros como legenda de imagem, classificados... |
| INJUNTIVO | <u>predominante</u> em gêneros como capítulos de livros didáticos verbetes de dicionários, receitas, manuais... |
| INFORMATIVO | tipo textual <u>predominante</u> em gêneros como notícias e reportagens. |

Note que cada tipo textual em geral se relaciona com um gênero textual específico, não é? Mas não se engane! Não existem correspondências exatas entre gênero e tipo textual. Muito pelo contrário, o que há é uma relação de predominância de determinados tipos textuais em determinados gêneros textuais.

GÊNEROS TEXTUAIS ARGUMENTATIVOS

Já vimos que os gêneros textuais se organizam a partir dos tipos textuais. Nos exemplos que seguem, vamos olhar para **textos predominantemente argumentativos** (tipo textual) de variados gêneros, como a **redação escolar**, o **editorial** e a **coluna/artigo de opinião**.



Redação escolar

A violência contra a mulher no Brasil tem apresentado aumentos significativos nas últimas décadas. De acordo com o Mapa da Violência de 2012, o número de mortes por essa causa aumentou em 230% no período de 1980 a 2010. Além da física, o balanço de 2014 relatou cerca de 48% de outros tipos de violência contra a mulher, dentre esses a psicológica. Nesse âmbito, pode-se analisar que essa problemática persiste por ter raízes históricas e ideológicas.

O Brasil ainda não conseguiu se desprender das amarras da sociedade patriarcal. Isso se dá porque, ainda no século XXI, existe uma espécie de determinismo biológico em relação às mulheres. Contrariando a célebre frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a cultura brasileira, em grande parte, prega que o sexo feminino tem a função social de se submeter ao masculino, independentemente de seu convívio social, capaz de construir um ser como mulher livre. Dessa forma, os comportamentos violentos contra as mulheres são naturalizados, pois estavam dentro da construção social advinda da ditadura do patriarcado. Consequentemente, a punição para este tipo de agressão é dificultada pelos traços culturais existentes, e, assim, a liberdade para o ato é aumentada.

Além disso, já o estigma do machismo na sociedade brasileira. Isso ocorre porque a ideologia da superioridade do gênero masculino em detrimento do feminino reflete no cotidiano dos brasileiros. Nesse viés, as mulheres são objetificadas e vistas apenas como fonte de prazer para o homem, e são ensinadas desde cedo a se submeterem aos mesmos e a serem recatadas. Dessa maneira, constrói-se uma cultura do medo, na qual o sexo feminino tem medo de se expressar por estar sob a constante ameaça de sofrer violência física ou psicológica de seu progenitor ou companheiro. Por conseguinte, o número de casos de violência contra a mulher reportados às autoridades é baixíssimo, inclusive os de reincidência.

Pode-se perceber, portanto, que as raízes históricas e ideológicas brasileiras dificultam a erradicação da violência contra a mulher no país. Para que essa erradicação seja possível, é necessário que as mídias deixem de utilizar sua capacidade de propagação de informação para promover a objetificação da mulher e passem a usá-la para difundir campanhas governamentais para a denúncia de agressão contra o sexo feminino. Ademais, é preciso que o Poder Legislativo crie um projeto de lei para aumentar a punição de agressores, para que seja possível diminuir a reincidência. Quem sabe, assim, o fim da violência contra a mulher deixe de ser uma utopia para o Brasil.

Redação nota 1000 do ENEM 2015 de Amanda Carvalho Maia Castro. Fonte: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-do-enem-2015-que-tiraram-nota-maxima.ghtml>>

A redação escolar é o gênero que busca desenvolver uma reflexão posicionada sobre um determinado ponto de vista em relação a um tema. No exemplo que apresentamos, a redação se refere ao tema da Redação ENEM do ano de 2015: **A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira**. É possível perceber que esse texto busca defender o ponto de vista da autora por meio de argumentos, sendo, portanto, essas as principais características em relação ao gênero.



Editorial

GAZETA DO PÓVO | OPINIÃO

LOGIN | CADASTRO

BUSCAR

EDITORIAL

Previdência: a falência de um modelo

Um assunto de tal relevância deveria ser debatido não com slogans genéricos, mas à luz da lógica econômica, da situação demográfica e da realidade do mercado de trabalho

Gazeta do Povo [12/04/2017] [00h01]

Regime Geral da Previdência Social é o nome técnico do sistema previdenciário dos trabalhadores do setor privado administrado pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), que é um órgão estatal. O sistema é baseado em alguns princípios simples. Os trabalhadores pagam um porcentual de seu salário – que vai de 8% até 11% sobre o teto salarial de R\$ 5.531,31 – e o empregador paga outros 20% sobre o total do salário do empregado. O teto do INSS – hoje, R\$ 5.531,31 por mês – é o máximo que um trabalhador do setor privado pode auferir de aposentadoria, mesmo que seu salário tenha sido sempre superior a esse valor.

Além do pagamento de aposentadoria ao trabalhador, o INSS tem outras obrigações, entre elas o auxílio-doença, o auxílio-acidente e as pensões por morte. O sistema tem como base a solidariedade entre gerações, isto é, os trabalhadores de hoje e seus empregadores recolhem suas contribuições, e estas se destinam a pagar hoje as aposentadorias dos trabalhadores do passado, além dos demais benefícios de responsabilidade da Previdência Social. Esse modelo é estruturado sob o “regime de repartição”, pelo qual a arrecadação atual é destinada ao pagamento das aposentadorias e benefícios atuais.

O regime de repartição padece de um fator complexo e de difícil previsão, que é a relação entre o número de trabalhadores ativos, em fase de contribuição, e o número de aposentados, em fase de benefício. Há seis décadas, a relação chegou a ser de oito trabalhadores na ativa para cada aposentado, mas, em face da redução do número de filhos por mulher e do aumento da expectativa média de vida da população, o Brasil caminha para a faixa de um aposentado para cada trabalhador ativo que contribui com a Previdência (excluídos, assim, os trabalhadores informais que não contribuem com o sistema). A queda da taxa de natalidade e o envelhecimento da população, ao ocorrerem ao mesmo tempo, caminham para inviabilizar completamente o sistema, que já apresenta déficits elevados como proporção do Produto Interno Bruto (PIB).

A reforma proposta pelo governo Michel Temer, em tramitação no Congresso Nacional, sofre de um mal crônico: tudo o que um governo propõe é atacado por seus adversários e por membros de partidos adversários sem considerações técnicas reais. Um assunto de tal relevância deveria ser debatido não com slogans genéricos, mas à luz da lógica econômica, da situação demográfica, da realidade do mercado de trabalho e das experiências do resto do mundo sobre o tema. No momento em que vários países estão debatendo e reformando seus sistemas previdenciários em razão das mudanças aceleradas por que passam a demografia e o mercado de trabalho, o Brasil teria muito a aprender na tentativa de encontrar solução eficiente para a previdência social pública e privada.

Infelizmente, apesar de falido e insustentável, o sistema previdenciário brasileiro pode perder mais uma oportunidade de mudar e consertar seus defeitos e os déficits gigantescos. Porém, esperar que os políticos tratem a falência da Previdência Social e a reforma necessária para sua viabilidade futura acima de seus interesses políticos individuais parece ser em vão. O Brasil vem há muito tempo adiando o enfrentamento da crise dos sistemas previdenciários dos trabalhadores privados e dos servidores públicos. Se as reformas não forem feitas, até para adequação às novas realidades econômicas e demográficas, o país pagará um alto preço: se não consertar os defeitos, a solução virá sob a forma de aumento de impostos, redução de programas sociais e menos investimentos em infraestrutura física e social. O resultado final será menor crescimento econômico e menos desenvolvimento social.

Fonte: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/editoriais/previdencia-a-falencia-de-um-modelo-e9lioumhovs0Oyozchtuld4gb>>

O editorial é um gênero textual que, em geral, é divulgado e circula em jornais ou revistas visando a divulgação da opinião do autor. Esses textos, portanto, não têm obrigação com a imparcialidade, nem buscam uma neutralidade na escrita. No caso desse texto, perceba que fica evidente a opinião do autor: a necessária discussão séria em relação a reforma da previdência.

Coluna de opinião

ÉPOCA



Eliane Brum



Índios, os estrangeiros nativos

A dificuldade de uma parcela das elites, da população e do governo de reconhecer os indígenas como parte do Brasil criou uma espécie de xenofobia invertida, invocada nos momentos de acirramento dos conflitos

ELIANE BRUM

02/07/2013 10h00 - Atualizado em 15/08/2013 13h07



Tweetar



Curtir



151



Compartilhar



Kindle



Share



1



G+



1

A volta dos indígenas à pauta do país tem gerado discursos bastante reveladores sobre a impossibilidade de escutá-los como parte do Brasil que têm algo a dizer não só sobre o seu lugar, mas também sobre si. Os indígenas parecem ser, para uma parcela das elites, da população e do governo, algo que poderíamos chamar de “estrangeiros nativos”. É um curioso caso de xenofobia, no qual aqueles que aqui estavam são vistos como os de fora. Como “os outros”, a quem se dedica enorme desconfiança. No processo histórico de estrangeirização da população originária, os indígenas foram escravizados, catequizados, expulsos, em alguns casos dizimados. Por ainda assim permanecerem, são considerados entraves a um suposto desenvolvimento. A muito custo foram reconhecidos como detentores de direitos, e nisso a Constituição de 1988 foi um marco, mas ainda hoje parecem ser aqueles com quem a sociedade não índia tem uma dívida que lhe custa reconhecer e que, para alguns setores – e não apenas os ruralistas –, seria melhor dar calote. Para que os de dentro continuem fora é preciso mantê-los fora no discurso. É isso que também temos testemunhado nas últimas semanas. Entre os exemplos mais explícitos está a tese de que não falam por si. Aos estrangeiros é negada a posse de uma voz, já que não podem ser reconhecidos como parte. Sempre que os indígenas saem das fronteiras, tanto as físicas quanto as simbólicas, impostas para que continuem fora, ainda que dentro, é reeditada a versão de que são “massas de manobra” das ONGs. Vale a pena olhar com mais atenção para essa versão narrativa, que está sempre presente, mas que em momentos de acirramento dos conflitos ganha força.

Desta vez, a entrada dos indígenas no noticiário se deu por dois episódios: a morte do terena Oziel Gabriel, durante uma operação da Polícia Federal em Mato Grosso do Sul, e a paralisação das obras de Belo Monte, no Pará, pela ocupação do canteiro pelos mundurucus. O terena Oziel Gabriel, 35 anos, morreu com um tiro na barriga durante o cumprimento de uma ordem de reintegração de posse em favor do fazendeiro e ex-deputado pelo PSDB Ricardo Bacha, sobre uma terra reconhecida como sendo território indígena desde 1993. Pela lógica do discurso de que seriam manipulados pelas ONGs, Oziel e seu grupo, se pensassem e agissem segundo suas próprias convicções, não estariam reivindicando o direito assegurado constitucionalmente de viver na sua área original.

Tampouco estariam ali porque a alternativa à luta pela terra seria virar mão de obra barata ou semiescrava nas fazendas da região, ou virar favelados nas periferias das cidades. Não. Os indígenas só seriam genuinamente indígenas se aceitassem pacífica e silenciosamente o gradual desaparecimento de seu povo, sem perturbar o país com seus insistentes pedidos para que a Constituição seja cumprida. Aí já há uma pista para o que alguns setores da sociedade brasileira entendem como identidade “verdadeira”: ser índio seria, quando não desaparecer, ao menos silenciar.

No caso dos mundurucus, questionou-se exaustivamente a legitimidade de sua presença no canteiro de obras da hidrelétrica de Belo Monte, por estarem “a 800 quilômetros de sua terra”. De novo, os indígenas estariam extrapolando fronteiras não escritas. Os mundurucus estavam ali porque suas terras poderão ser afetadas por outras 14 hidrelétricas, desta vez na Bacia do Tapajós, e pelo menos uma delas, São Luiz do Tapajós, deverá estar no leilão de energia previsto para o início de 2014. Se não conseguirem se fazer ouvir agora, eles sabem que acontecerá com eles o mesmo que acabou de acontecer com os povos do Xingu. Serão vítimas de um outro discurso muito em voga, o da obra consumada. A trajetória de Belo Monte mostrou que a estratégia é tocar a obra, mesmo sem o cumprimento das condicionantes socioambientais, mesmo sem a devida escuta dos indígenas, mesmo com os conhecidos atropelamentos do processo dentro e fora do governo, até que a usina esteja tão adiantada, já tenha consumido tanto dinheiro, que parar seja quase impossível.

Adiantaria os mundurucus gritarem sozinhos lá no Tapajós, para serem contemplados no seu direito constitucional, respaldado também por convenção da Organização Internacional do Trabalho, de serem ouvidos sobre uma obra que vai afetá-los? Não. Portanto, eles foram até Belo Monte se fazer ouvir. Mas, como são indígenas, alguns acreditam que não seriam capazes de tal estratégia política. É preciso resgatar, mais uma vez, o discurso da manipulação – ou da infiltração. Já que, para serem indígenas legítimos, os mundurucus teriam de apenas aceitar toda e qualquer obra – e, se fossem bons selvagens, talvez até agradecer aos chefes brancos por isso.

Quando os indígenas levantam a voz, a voz não seria sua. Seria de um outro, a quem emprestam o corpo. Ninguém é ingênuo a ponto de acreditar que o discurso dos indígenas como massa de manobra seja inocente. Ele serve a muitos interesses, inclusive o de tirar do foco os reais interesses sobre as terras indígenas de quem o difunde. Mas esse discurso não teria ressonância se não tivesse a adesão de uma parte significativa da população brasileira. E esta adesão se dá, me parece, por essa espécie de xenofobia invertida. Estes “estrangeiros nativos” ameaçariam um suposto progresso, já que seu conhecimento não é decodificado como um valor, mas como um “atraso”, sua enorme diversidade cultural e de visões de mundo não são interpretadas como riqueza e possibilidades, mas como inutilidades. Neste sentido, há uma frase bastante reveladora de como esse olhar – ou não olhar – contamina amplas parcelas da sociedade, inclusive no governo. Ao falar em uma audiência pública na Câmara dos Deputados, em dezembro passado, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que sua pasta atendia “da toga à tanga”. Entre os dois extremos, podemos ver em qual deles o ministro situa o ápice da civilização e também o seu oposto.

Há ainda uma dupla invocação do estrangeiro nesse discurso, já que a única coisa pior do que ser “massa de manobra” de ONGs nacionais seria ser das estrangeiras. Evocar a ameaça externa parece sempre funcionar, como naqueles SPAMs, que volta e meia reaparecem, de que “os gringos estão invadindo a Amazônia” – esta também, tão nossa

que podemos destruí-la, tarefa a que temos nos dedicado com afinco. Ao denunciar uma suposta apropriação do corpo simbólico dos indígenas por outros, o que se revela, de fato, é a frustração porque esse corpo não se deixa expropriar e manipular pelas elites como antes. Porque apesar de todas as violências, há uma voz que ainda escapa – e que demanda o reconhecimento de seu corpo-terra, de seu pertencimento. Aquele que é visto como o de fora se torna um incômodo quando diz que é parte.

Vale a pena prestar atenção em quem amplifica o discurso dos indígenas como “massa de manobra”, para verificar que fazem exatamente o que acusam outros de fazer: afirmam o que os indígenas, todos eles, precisam e querem. Parece haver um consenso, inclusive, de que o verdadeiro desejo dos indígenas seria se tornar um trabalhador assalariado e urbano ou, pelo menos, o beneficiário de algum programa de transferência de renda do governo.

Nesta posição, eles não atrapalhariam ninguém – e menos ainda os produtores rurais. Este é o momento chave para a entrada de outro discurso recorrente: o de que os indígenas querem terra “demais”. Basta fazer as contas, como fez o jornalista Fabiano Maisonnave, na *Folha de S. Paulo*: com uma população de 28 mil indígenas em Mato Grosso do Sul, os terrenos têm sete reservas, somando cerca de 20 mil hectares; já o produtor rural Ricardo Bacha, em cuja fazenda foi morto o terena Oziel Gabriel, tem cerca de 6.300 hectares, dos quais 800 em litígio. Se é de concentração de terra na mão de poucos que se pretende falar, há muitos números ilustrativos que podem ser citados. Outro dado interessante vem de uma pesquisa da Embrapa, citada em artigo do engenheiro florestal Paulo Barreto, no site *O Eco*: há 58,6 milhões de hectares de pastos degradados pela pecuária, o equivalente a 53% da área total de terras indígenas. “A Embrapa tem demonstrado que já existem as tecnologias para aumentar a produtividade dos pastos degradados. Assim, ocupar terra indígena é, além de inconstitucional, prova de incompetência”, afirma Barreto. A Embrapa é um dos novos atores que deverão ser chamados para opinar sobre as demarcações, numa manobra para esvaziar a Funai e agradar a bancada ruralista.

O lugar de estranho indesejado, supostamente sem espaço no Brasil que busca o desenvolvimento, tem permitido todo o tipo de atrocidades contra indivíduos e também contra etnias inteiras ao longo da história. Seria muito importante que cada brasileiro reservasse meia hora ou menos do seu dia para ler pelo menos as primeiras 16 páginas do resumo do Relatório Figueiredo, um documento histórico que se acreditava perdido e que foi descoberto no final de 2012 por Marcelo Zelic, vice-presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, de São Paulo. No total, o procurador Jader Figueiredo Correia dedicou 7 mil páginas para contar o que sua equipe viu e ouviu. A íntegra também está disponível na internet.

O relatório, datado de 1968, documentou o tratamento dado aos povos indígenas pelo extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Entre os crimes, cujos responsáveis foram nominados, mas jamais punidos, estão os “castigos” infligidos pelos funcionários aos indígenas, como crucificações e uma tortura conhecida como “tronco”, na qual a vítima tinha o tornozelo triturado. Crianças eram vendidas para abusadores, mulheres, estupradas e prostituídas. Duas aldeias de pataxós, na Bahia, foram dizimadas para atender aos interesses de políticos de expressão nacional da época. Uma nação indígena inteira foi extinta por fazendeiros, no Maranhão, sem que os funcionários sequer tentassem protegê-la. O procurador cita a possível inoculação do vírus da varíola em uma etnia de Itabuna, na Bahia, para que as terras fossem liberadas para “figurões do governo”, assim como o extermínio de um grupo de cintas-largas, em Mato Grosso, de várias formas: atirando

dinamite de um avião e adicionando estricnina ao açúcar, além de caçá-los e matá-los com metralhadoras. O massacre ocorreu em 1963, ainda no período democrático, portanto, e os que ainda assim sobreviveram foram rasgados com o facão, "do púbis a cabeça".

A lista é longa. É importante ressaltar que tudo isso não se passou na época de Pedro Álvares Cabral, nem mesmo no tempo dos bandeirantes, mas na década de 60 do século XX. Praticamente ontem, do ponto de vista histórico. Cabe enfatizar ainda que os crimes foram infligidos aos indígenas, num comportamento disseminado por todo o país, por representantes do Estado brasileiro. Menciono o relatório não só porque acredito que precisamos conhecê-lo, mas porque ele demonstra que tipo de olhar permite que atrocidades dessa ordem tenham se tornado uma política não oficial, mas exercida como se fosse – e não por um único psicopata, mas por dezenas de funcionários e suas esposas, com o apoio e às vezes a ordem da direção do órgão criado para proteger os povos tradicionais. Para estas pessoas, o corpo dos indígenas era território a ser violado, como violada foi a sua terra. Como aqueles sem lugar, os indígenas não eram reconhecidos como iguais, nem mesmo como humanos. Eram o que, então? O procurador responde: "Tudo como se o índio fosse um irracional, classificado muito abaixo dos animais de trabalho, aos quais se presta, no interesse da produção, certa assistência e farta alimentação".

Para quem imagina que este capítulo é parte do passado, vale a pena lembrar que apenas nos últimos dez anos, nos governos Lula-Dilma, foram assassinados 560 indígenas. A Constituição precisa ser cumprida, as demarcações devem ser feitas, os fazendeiros que possuem títulos legais, distribuídos pelo governo no passado, têm direito a ser indenizados pelo Estado. Mas há um movimento maior, mais profundo, que é preciso empreender. Como "estrangeiro nativo", uma impossibilidade, só é possível perpetuar a violência. É necessário fazer o gesto, também em nível individual, de reconhecer o indígena como parte, não como fora. Para isso é preciso primeiro desejar conhecer, o gesto que precede o reconhecimento. Só então o Brasil encontrará o Brasil.

Fonte: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/07/indios-os-estrangeiros-nativos.html>>

Esse gênero (coluna de opinião/artigo de opinião) é, em geral, um texto escrito e assinado e circula em jornais e revistas. Como o próprio nome sugere, ele tem o objetivo de expressar a opinião do autor. Assim, pode ocorrer o uso da primeira pessoa do singular ou mesmo o pronome "eu" em alguns casos. No entanto, é necessário atentar, sobretudo nesse texto da Eliane Brum, que a autora não apenas "diz como as coisas devem ser", mas apresenta argumentos (dados) evidenciando o seu ponto de vista. No caso desse texto, é possível perceber a opinião da autora sobre a necessidade não apenas de redistribuição de terras, mas também de um novo olhar sobre a figura do índio por toda a sociedade brasileira.

GÊNEROS TEXTUAIS INFORMATIVOS

Já vimos alguns gêneros predominantemente argumentativos, agora veremos alguns predominantemente informativos. Dentre todos, falaremos da **notícia** e da **reportagem**.

Notícia

[globo.com](#) | [g1](#) | [globoesporte](#) | [gshow](#) | [famosos & etc](#) | [vídeos](#)

ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

≡ MENU

G1

BEM ESTAR

BUSCAR

Campanha de vacinação contra gripe começa nesta segunda

Campanha vai até 26 de maio. Professores da rede pública e privada entraram para o público alvo.



Por G1
17/04/2017 06h00 - Atualizado há 2 horas

Começa nesta segunda-feira (17) a Campanha Nacional de Vacinação Contra a Influenza. A campanha vai até 26 de maio, e o dia de mobilização nacional está marcado para o dia 13. A meta é vacinar 54,2 milhões de pessoas em todo o país. Este ano, a novidade da campanha é a inclusão dos professores da rede pública e privada no público alvo, com direito a receber a imunização gratuitamente no SUS.

A contraindicação é para quem tem alergia severa a ovo.

Veja quem recebe a vacina pelo SUS

Crianças de 6 meses a menores que 5 anos (quatro anos, 11 meses e 29 dias)

Gestantes

Puérperas (mulheres que estão no período de até 45 dias após o parto)

Idosos (a partir de 60 anos)

Profissionais da saúde

Povos indígenas

Pessoas privadas de liberdade e funcionários do sistema prisional

Portadores de doenças crônicas e outras doenças que comprometam a imunidade

Professores de escolas públicas ou privadas

Três subtipos

A vacina disponível no SUS protege contra os três subtipos do vírus da gripe que mais circularam no país: A/H1N1; A/H3N2 e influenza B.

Segundo o ministério da Saúde, 60 milhões de doses de vacinas foram adquiridas, das quais 21,1 milhões de doses já foram distribuídas aos estados.

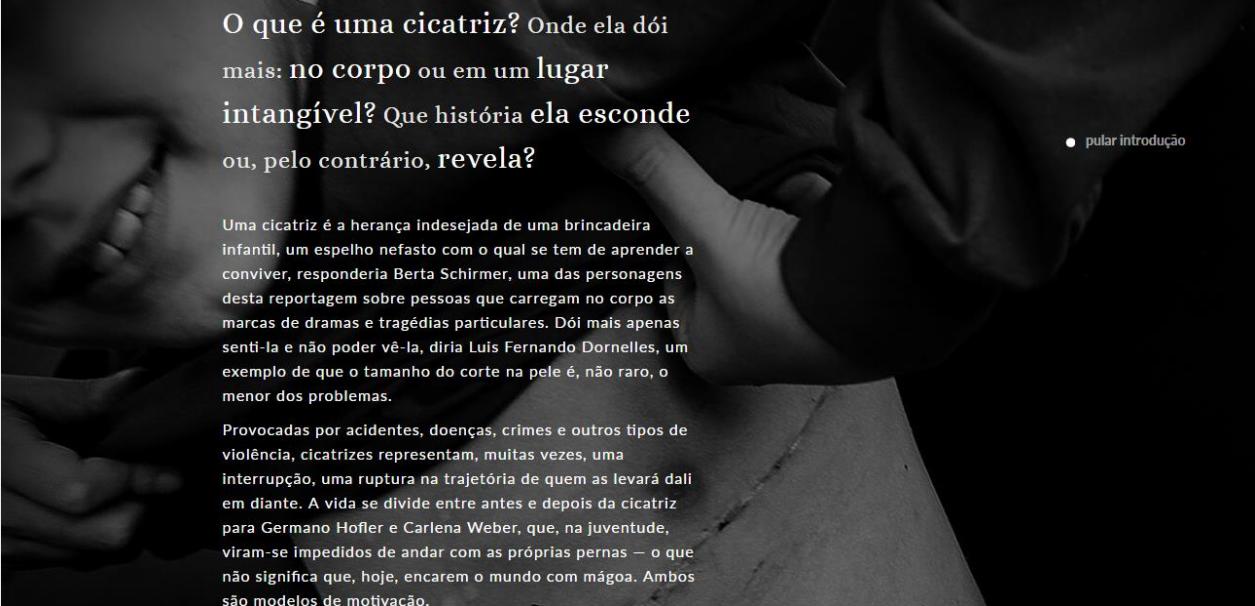
Os grupos prioritários devem se vacinar todos os anos, já que a imunidade contra os vírus cai progressivamente. Além disso, o vírus da gripe passa por mutações frequentes

Fonte: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/campanha-de-vacinacao-contra-gripe-comeca-nesta-segunda.ghtml>>

A notícia é um gênero textual tipicamente jornalístico, que tem como objetivo apresentar de forma mais direta e objetiva informações sobre um determinado fato ou acontecimento. No exemplo, obtemos informações em relação ao início da campanha de vacinação, os

tipos de doenças que serão evitadas pelos vacinados e os grupos que receberão a vacina pelo SUS. Assim, a linguagem apresentada nesses textos é clara, formal e objetiva.

Reportagem



O que é uma cicatriz? Onde ela dói mais: no corpo ou em um lugar intangível? Que história ela esconde ou, pelo contrário, revela?

• pular introdução

Uma cicatriz é a herança indesejada de uma brincadeira infantil, um espelho nefasto com o qual se tem de aprender a conviver, responderia Berta Schirmer, uma das personagens desta reportagem sobre pessoas que carregam no corpo as marcas de dramas e tragédias particulares. Dói mais apenas senti-la e não poder vê-la, diria Luis Fernando Dornelles, um exemplo de que o tamanho do corte na pele é, não raro, o menor dos problemas.

Provocadas por acidentes, doenças, crimes e outros tipos de violência, cicatrizes representam, muitas vezes, uma interrupção, uma ruptura na trajetória de quem as levará dali em diante. A vida se divide entre antes e depois da cicatriz para Germano Hofer e Carlene Weber, que, na juventude, viram-se impedidos de andar com as próprias pernas — o que não significa que, hoje, encarem o mundo com mágoa. Ambos são modelos de motivação.

(Reprodução parcial). Para ler o texto integral acesse:

<<http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-cicatrizes/>>

Um pouco diferente da notícia, a reportagem ao mesmo tempo que tem a função de informar, tem também a função de apresentar novas perspectivas ao leitor para formar sua opinião sobre variados assuntos. Em reportagens a linguagem não é tão formal e o texto não tem uma função tão objetiva quanto a notícia. No caso dessa reportagem, a proposta é a de refletir-se sobre o quanto as cicatrizes físicas refletem na vida das pessoas.

GÊNEROS LITERÁRIOS: GÊNEROS TEXTUAIS NARRATIVOS

De acordo com uma definição clássica, os gêneros literários seriam **o épico, o lírico e o dramático**. O **gênero épico** daria conta de narrar os feitos dos heróis, isto é, é narrada uma história com personagens dentro de um espaço-tempo específico. São exemplos de epopéias a Ilíada e a Odisséia. O **gênero lírico** é aquele as emoções são especialmente expressadas e para o qual a sonoridade é parte crucial do texto. Geralmente esses textos eram declamados juntamente com algum instrumento (a Lira, por exemplo). Já o **gênero dramático** era construído visando a representação. Assim, a narração ficaria a critério das próprias personagens, por meio de diálogos, principalmente.

No entanto, atualmente, esses gêneros já se misturaram, e, portanto, se modificaram muito, gerando novos **gêneros híbridos**. Por exemplo, do gênero épico, hoje temos **o romance, o conto, a novela, a fábula**, entre outros. Do gênero lírico, o **poema** em suas variadas formas: **Ode, soneto, elegia** etc. Por fim, do gênero dramático: **auto, tragédia, comédia, tragicomédia**. Vamos a alguns exemplos:

Romance

“Aquela mata cerrada que barrava até a luz do sol. Uma vez Chico sonhou que entrava na mata e era um breu, não se enxergava nada. Em pleno dia. Mas a mata é a nossa segunda mãe! E no meio da mata podemos abraçar e beijar alguém de quem gostamos, alguém de quem achamos que gostamos muito, mesmo, e cantar canções mentalmente para não correr o risco de desafinar. E depois até cantar vocalmente, com a garganta e os desafinos, um trechinho dessa música. Só um trechinho. Tirar a roupa e revelar um corpo fraco e forte ao mesmo tempo. Feio e bonito. Muito magro. Vezes dois. Um monte de picadas de insetos. Calos. Cicatrizes. Aconchego. Desejo. Tudo isso. Depois colocar as roupas de novo, pegar a lenha nas costas e levar para onde ela devia ser levada. Como se fossem armas. Como se fosse um companheiro ferido.” (Trecho de Azul Corvo, de Adriana Lisboa, 2014)

O gênero romance é uma narrativa ficcional longa e em prosa. Diz-se desse gênero ser mais longo tendo em vista a constituição narrativa que, diferentemente do conto, por exemplo, apresenta diversos núcleos narrativos e, em geral, um enredo mais complexo (pelo maior número de personagens e ações). No entanto, o romance é um dos gêneros mais flexíveis e pressupõe diversas possibilidades narrativas (podendo até mesmo ter apenas uma personagem em fluxo de consciência, por exemplo. Esse é o caso de “A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector). Já em Azul Corvo (2014), a narrativa se dá por meio de *flashbacks*, sendo que Vanja, a personagem principal e narradora, busca compreender sua história e seu passado juntamente a história e ao passado do Brasil, retomando sobretudo, o período da ditadura civil-militar brasileira. No trecho, ele narra os sentimentos e sensações de Chico, codinome de Fernando, seu padrasto, militante político contra o regime, enquanto fazia treinamento na floresta. Nesse exemplo, percebemos justamente que, embora a narrativa seja sobre Vanja, diversos outros fios narrativos perpassam a sua história.

Conto

“(...) A verdade é que eu tinha casado sim, por oito anos, com a tereza, agora estava há dois anos sozinha.. Meu pai achava que não era casamento de verdade, que era uma fase – dos 18 aos 40, baita fase. Minha mãe fingia que não sabia, que não ouvia, que não enxergava nada e sempre, sempre me perguntava quando eu ia casar (...)” Trecho do conto “Tia Marga”, Amora, Natalia Borges Polessso, 2015.

O gênero conto, por se tratar também de um texto literário, é ficcional e, como já dito, mais curto do que um romance, pois apresenta, geralmente, o desenvolvimento de poucas cenas e o foco, também em geral, recai sobre uma personagem (ou poucas personagens). No entanto, sua forma pode variar muito, assim como no romance. Um exemplo de conto é o citado anteriormente “Tia Marga” do livro Amora em que a narrativa recai sobre a experiência familiar da narradora enquanto mulher lésbica, sendo o evento principal do conto é o velório da purgante tia Marga. Assim, é possível perceber que além de um texto mais curto, com poucas personagens, há também um espaço e um tempo limitado em que essas ações ocorrem.

Crônica

“Chacrinha”

De tanto falarem em Chacrinha, liguei a televisão para seu programa que me pareceu durar mais que uma hora.

E fiquei pasma. Dizem-me que esse programa é atualmente o mais popular. Mas como? O homem tem qualquer coisa de doido, e estou usando a palavra doido no seu verdadeiro sentido. O auditório também cheio. É um programa de calouros, pelo menos o que eu vi. Ocupa a chamada hora nobre da televisão. O homem se veste com roupas loucas, o calouro apresenta o seu número e, se não agrada, a buzina do Chacrinha funciona, despedindo-o. Além do mais, Chacrinha tem algo de sádico: sente-se o prazer que tem em usar a buzina. E suas gracinhas se repetem a todo o instante — falta-lhe imaginação ou ele é obcecado.

E os calouros? Como é deprimente. São de todas as idades. E em todas as idades vê-se a ânsia de aparecer, de se mostrar, de se tornar famoso, mesmo à custa do ridículo ou da humilhação. Vêm velhos até de setenta anos. Com exceções, os calouros são de origem humilde, têm ar de subnutridos. E o auditório aplaude. Há prêmios em dinheiro para os que acertarem através de cartas o número de buzinadas que Chacrinha dará; pelo menos foi assim no programa que vi. Será pela possibilidade da sorte de ganhar dinheiro, como em loteria, que o programa tem tal popularidade? Ou será por pobreza de espírito de nosso povo? Ou será que os telespectadores têm em si um pouco de sadismo que se compraz no sadismo de Chacrinha?

Não entendo. Nossa televisão, com exceções, é pobre, além de superlotada de anúncios. Mas Chacrinha foi demais. Simplesmente não entendi o fenômeno. E fiquei triste, decepcionada: eu quereria um povo mais exigente.”

Clarice Lispector

[Crônica publicada em 1967 pelo Jornal do Brasil.]

O gênero crônica é provavelmente o mais híbrido dentre os gêneros, visto que nasce no jornalismo, mas em geral apresenta um linguagem literária. Assim, tem como uma das suas principais características a fixação temporal, isto é, um crônica remete certamente a um tempo específico. Nesse caso da crônica de Clarice Lispector, o tempo apresentado é a época da estréia do Programa do Chacrinha (por volta de 1967), assim, fica marcada a necessidade de o leitor conhecer o contexto da época para, minimamente, identificar o assunto ao qual a autora se refere. É interessante notar, sobre a crônica ainda, que as produzidas hoje são, certamente, uma tentativa de compreensão/reflexão sobre o momento presente a partir de uma linguagem que mistura simplicidade, cotidiano e literariedade.

Poesia

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava
Joaquim que amava Lili

que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou pra tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história
Carlos Drummond de Andrade

A poesia é um gênero literário que muito se alterou ao longo do tempo, visto que em seu princípio era marcado pela fixação métrica e hoje apresenta o verso livre também como uma possibilidade formal. No caso do poema de Drummond, nos é apresentada uma estrutura narrativa: É a história de diversas pessoas que não conseguem se encontrar amorosamente. No entanto, o potencial significativo desse poema deve extrapolar o “enredo” para ser lido no âmbito mais abstrato, isto é, como uma impossibilidade de estar satisfeita com as relações que estabelecemos na vida, esse eterno desencontro. Assim, ao conhecermos o gênero poesia, somos levados a não interpretar o poema literalmente (visto que se trata do uso simbólico da linguagem) mas ampliarmos os nossos horizontes interpretativos.

GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS

Muito comumente esquecidas, a língua em sua manifestação oral é tão importante quanto em sua manifestação escrita, mesmo que cada uma possua suas próprias peculiaridades. Assim, como existem textos escritos e textos orais, também existem gêneros especificamente escritos e gêneros especificamente orais bem como gêneros que misturam um pouco de cada!

Podemos pensar, por exemplo, em um telejornal em que os apresentadores estão falando, mas que falam a partir de um roteiro. Isso assegura certa rigidez e formalidade a fala, mas ao mesmo tempo permite intervenções tipicamente orais, como pequenos comentários em relação às notícias.



Um bom exemplo da alteração em um telejornal entre a oralidade e a escrita, foi em 2011 quando os apresentadores e a repórter são interrompidos por manifestantes, ao vivo, e a jornalista Sandra Annenberg comenta o caso como “deselegante”. Algo que acabou virando um “meme” na internet.

Além desse exemplo, podemos também olhar para a literatura ou a música, pois ambas as artes, muitas vezes, apropriam-se da oralidade para gerar certos efeitos, como

uma aproximação entre narrador e leitor ou mesmo a identificação do narrador/eu-lírico de acordo com determinado contexto social e/ou regional. Um bom exemplo do uso da oralidade é a canção "Tiro ao álvaro", do compositor Adoniram Barbosa. Perceba:

De tanto levar
"Frechada" do teu olhar
Meu peito até, parece sabe o quê?
"Táubua" de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar (não tem mais)

De tanto levar
"Frechada" do teu olhar
Meu peito até
Parece sabe o quê ?
"Táubua" de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar (não tem mais)

Teu olhar mata mais do que bala de carabina
Que veneno estriquinina
Que peixeira de baiano
Teu olhar, mata mais que atropelamento de "automóver"
Mata mais que bala de "revórver"

Portanto, não podemos nos enganar! Não se trata de pouco conhecimento do autor ou de um texto de menor qualidade. O uso da oralidade na escrita deve ser visto como um elemento estilístico sobretudo em manifestações artísticas, mas cuidado para não sair misturando as duas modalidades de uso da língua quando o que é solicitado de você é o uso de apenas uma (como na escrita de uma redação de vestibular!).

Além disso, é importante que você não confunda oralidade com informalidade, isto é, não é porque um texto é oral que ele será informal. Nesse sentido, podemos pensar, por exemplo, no **gênero apresentação**, que é o gênero utilizado na apresentação de seus trabalhos na escola, por exemplo. Esse gênero, embora oral, solicita certa formalidade na fala do enunciador diferentemente de uma conversa telefônica. Portanto, o que podemos concluir é que, assim como na escrita, a oralidade pode se manifestar por meio de diversos gêneros, no entanto, devemos, mais uma vez, assim como na escrita, atentar para utilizá-los de forma adequada ao contexto em que eles são produzidos e circulam!

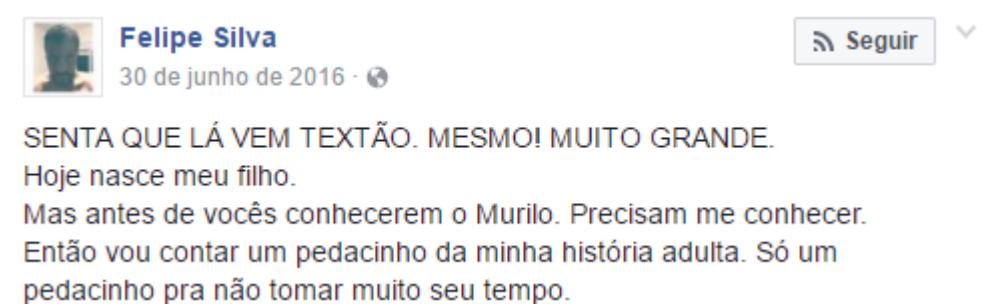
GÊNEROS TEXTUAIS NA INTERNET

Como já comentamos, os gêneros textuais estão presentes no nosso dia a dia. Não apenas em ambientes de ensino, mas em qualquer situação que envolva a leitura de um texto! Então, ao pegar o ônibus precisamos ler um texto que nos informa a direção que o ônibus está indo, ao assistir televisão e acompanhar a programação, estamos lidando com mais uma gama de diversidade de gêneros textuais! No entanto, o que muitas vezes não notamos é que no lugar que passamos, talvez, a maior parte do nosso dia, a internet, é **um lugar cheio de variados gêneros textuais!**

Assim, podemos dizer que são alguns gêneros utilizados nas mídias digitais: **postagem de Facebook, postagem de Twitter, "memes", currículos online (Linkedin/Lattes) e outros.**

Postagem de facebook

Trecho de postagem:



Felipe Silva
30 de junho de 2016 ·

SENTA QUE LÁ VEM TEXTÃO. MESMO! MUITO GRANDE.
Hoje nasce meu filho.
Mas antes de vocês conhecerem o Murilo. Precisam me conhecer.
Então vou contar um pedacinho da minha história adulta. Só um pedacinho pra não tomar muito seu tempo.

Texto integral:

SENTA QUE LÁ VEM TEXTÃO. MESMO! MUITO GRANDE.

Hoje nasce meu filho.

Mas antes de vocês conhecerem o Murilo. Precisam me conhecer.

Então vou contar um pedacinho da minha história adulta. Só um pedacinho pra não tomar muito seu tempo.

Ano: 2001.

Chuva de balas do auge da guerra CV x ADA.

Eu, 17 para 18 anos. Preto, favelado, pobre. Raivoso feito um cão magro de rua. Teimoso, teimoso e teimoso.

Segundo grau completo em escola pública com um ano de antecedência, mas claro, nunca passaria num vestibular pra faculdade pública.

Sem dinheiro, sem emprego.

Duas saídas: escolha fácil, o tráfico de drogas! Direto, rápido, poder batendo na porta.

Dinheiro sobrando pra esbanjar. Tava ali, era só querer.

Ou escolha difícil: projeto social do Governo do Estado para jovens de comunidades carentes. Ser Aux. de Serviços Gerais. Literalmente: faxineiro de órgão público.

Escolha difícil: virei faxineiro do hospital da Polícia Militar.

Enfermaria A. Varria, limpava e lavava todo o corredor, banheiros e todos os apts. No refeitório, só era permitido almoçar por último. Não iam misturar os faxineiros com os enfermeiros, médicos e policiais, né? Sabe o que acontecia? Nunca sobrava carnes. A gente tinha que comer ovo, todos os dias. Ovo frito.

Quer ouvir uma coisa triste? Eu achava que estava bom. Que era suficiente. Era o que eu merecia. Tinha um salário. Conseguir comprar um tênis legal. Ajudava minha mãe nas contas de casa. Estava ótimo.

Aí... a polícia invadiu minha casa.

Seja inocente, trabalhador, honesto. Foda-se.

A regra quem faz não é você. Sua mãe no chão, seu sobrinho no chão, tiro de fuzil na sua porta.

De novo, escolha fácil: tráfico, vingança, chapa quente, guerra contra aqueles filhos da

puta.

Escolha difícil: conseguir um trabalho, ganhar mais e sair do morro.

Claro, escolha difícil: fui juntar dinheiro pra entrar na faculdade. Mãe foi fazer mais e mais plantões pra ajudar a pagar.

Comprei um guia do estudante, li tudo. Teimoso, quis fazer Publicidade.

Me disseram: pobre publicitário? Hahahaha...

Quis ser redator. Me dei conta: aos 22, só tinha lido 3 livros em toda a vida. Hahahahah. 6 meses de faculdade. Não consigo mais pagar.

Escolha fácil: desiste moleque.

Escolhe difícil: desiste moleque.

Ok, sem escolhas.

Mas não dizem que sempre tem escolha?

Dizem... hahahahahah...

Sou teimoso, se é o que eles querem eu não faço.

Bora ser preto, suspeito na rua, dura da polícia toda semana, segurança de loja mandando abrir a mochila, porta de banco travando.

Mas vão se fuder que vou vencer honesto.

Meritocracia é a puta que pariu.

Oportunidade pra todos é a puta que pariu.

Não existe, chapa, tudo utopia.

Mas pobre não tem nada a perder. "Se você não tem saída, vença!" Foi o que eu fiz.

Fim do primeiro ato.

2016.

Eu, 33 anos. Preto, casa de dois andares, carro. Viagem pra NY. Redator de uma das maiores agências de publicidade do mundo. Leão em Cannes. Em print. Categoria foda.

Mais de 200 livros lidos. Tatuaram uma frase minha na pele. Projeto humano com mais de 1500 kits mensais para moradores de rua. Construí uma casa pra minha mãe.

E hoje, vejo nas timelines que só se entra no crime porque quer.

Que a oportunidade está aí. Que é só querer.

Que é só se esforçar. Que meritocracia funciona.

Que bolsa família faz o pobre não trabalhar.

Que ajuda do governo deixa pobre mal acostumado.

Que a polícia tem que invadir a favela e dar tiro.

Com toda serenidade e conhecimento que aprendi ao longo desse tempo, lhes digo: vão tomar no meio dos seus cu!

EU SOU O CARA DA FAXINA, rapaz.

Esse aí que tirou seu lixo hoje.

E esse país só vai melhorar quando você achar certo que que eu divida a mesa do trabalho com você. Que eu frequente o mesmo shopping, faça a mesma viagem, tenha o mesmo carro que você, vá a mesma faculdade que seu filho.

Quando você me der bom dia de verdade e não automático. E agradecer que eu limpei seu café derramado no chão. E ver que eu tenho nome.

Que eu sou gente.

Que eu tenho sonhos.

Que eu fiz escolhas difíceis pra caralho pra ser um faxineiro.

Que eu não quero comer ovo, porra.

Que eu não quero ser parado na rua porque sou preto.

Ser olhado feio porque sou pobre.
Antes de falar de preto, de pobre de favelado. Saibam: todos esses sou eu.
E te digo: viver no morro é uma merda. Ser pobre é uma bosta.
Porque escrevi tudo isso?
Porque hoje nasce o meu filho.
E, afinal, não era justo vocês conhecerem meu filho, se a maioria nem conhece direito o Felipe.
Mas hoje vocês vão poder saber porque eu vou olhar nos olhos dele com a certeza de que não arredei o pé da honestidade.
Não fiz concessões. Não dei um passo atrás. Não falsifiquei 1 porra de carteirinha de estudante sequer.
E fiz tudo isso só pra ele saber que é possível.
Só pra poder contar pra ele que é foda pra caralho, mas é possível.
E tudo isso feito só com motivos.
E que hoje, ele vai me dar uma razão.
Imagina o que a gente não vai fazer.
Um beijo.

Esse gênero é reconhecido pelo nome de **textão**, pois, em geral, é um texto mais longo. Esse gênero tem como objetivo a apresentação de uma questão, em geral polêmica, e o posicionamento frente essa questão do autor. Esse gênero pode apresentar elementos narrativos, informativos e mesmo argumentativos. É importante também notar em relação a esse tipo de texto uma certa informalidade no uso da linguagem, isto é, um texto que se aproxima da fala cotidiana.

Postagem de twitter

Os textos que circulam no twitter têm também algumas características bastante específicas, como, por exemplo, o tamanho, pois cada postagem não pode exceder 140 caracteres. Além disso, essa rede social também é abertamente marcada pelo humor, geralmente associada a fatos cotidianos, mas também comentários relacionados com os desafios da vida do jovem moderno.



Mua ha ha

@Lesbicapeta

"Qts homens cis heteros brancos são
precisos p trocar 1 lâmpada?"
Apenas um, ele segura a lâmpada e o
mundo gira em torno dele.

Nesse caso, perceba que o humor relaciona-se com uma conhecida piada sobre quantas

pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada. O humor aqui é gerado pelo fato de o homem cisgênero, heterossexual e branco ser aquele que, em nossa sociedade, subjuga diversos grupos minoritários. Por isso se diz que “o mundo gira em torno dele”.

Memes

Memes, muito próximo das postagens do twitter, tem também o objetivo de gerar humor. No entanto, parte-se de uma imagem ou fato extremamente atual reproduzindo o que foi dito em outros contextos. Muitas vezes memes integram postagens do twitter. Nesse exemplo, o caso que teve grande repercussão nas redes sociais: a atriz Glória Pires incapaz de comentar o Oscar. Esse meme é utilizado para qualquer situação em que, embora se devesse estar preparado para opinar/argumentar, não estamos.



Curriculum virtual (Linkedin/ Lattes)

A partir do avanço das tecnologias e sua democratização, é cada vez mais comum perfis profissionais como o Linkedin, no qual o usuário se cadastrava no site e cria um perfil informando suas qualificações profissionais (formação, cursos, áreas de interesse etc) como um currículo. Além dele, também perfis acadêmicos, como o disponibilizado pela plataforma Lattes, para que o pesquisador apresente seu perfil e seus interesses acadêmicos. Esse gênero (curriculum virtual) tem a clara função de apresentar informações sobre o contratado ou o pesquisador em questão, portanto, pode-se dizer que o tipo textual em predominância nesse gênero é o informativo. É importante perceber sobre esses gêneros que o nível de formalidade é maior do que os comentados anteriormente, pois tratam-se de perfis profissionais. Portanto, o que é importante ressaltar é que os gêneros textuais disponíveis na rede também demandam certa atenção em relação a sua adequação formal.

CNPq | **Curriculum Lattes**

Dados gerais | Formação | Atuação | Projetos | Produções | Eventos | Orientações | Bancas | +

Regina Dalcastagné
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/2599879538822377>

Última atualização do currículo em 03/03/2017

A pesquisadora defende a universidade pública, laica, gratuita e de qualidade, é a favor da manutenção do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e do retorno à normalidade democrática do Brasil. Além disso, é professora titular da Universidade de Brasília e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Coordena o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea e edita a revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Publicou, entre outros, os livros *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro* (Editora UnB, 1996), *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (Editora da UERJ, 2012) e *Representación y resistencia en la literatura brasileña contemporánea* (Biblos, 2015). (Texto informado pelo autor)

Identificação

Nome: Regina Dalcastagné

Nome em citações bibliográficas: DALCASTAGNÉ, R.; DALCASTAGNÉ, REGINA

Vimos até agora apenas alguns gêneros textuais que circulam na internet para que você perceba que os gêneros textuais estão em toda a parte e muito nos ajudam na interpretação dos textos, isto é, você não vai buscar em um “meme” informações sobre os interesses de pesquisa de alguém ou ainda buscar humor em um currículo, não é mesmo?

No entanto, cabe lembrar que alguns gêneros que nascem na rede, muitas vezes, acabam indo para a mídia impressa, que, em geral, tem um nível de formalidade mais severo. Dessa forma, **a adequação do texto ao seu contexto e a mídia que é veiculado é imprescindível!**

OS GÊNEROS TEXTUAIS E A CIDADE

Além desses gêneros literários que dão conta do uso da palavra, isto é, são **a arte da palavra**, devemos também observar os gêneros, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, que misturam **linguagem verbal e linguagem não verbal**, nesse caso **visual**, ou seja, a **imagem**. Podemos dizer que esse é o caso das propagandas publicitárias, os lambes, os grafitis, os pixos etc.

Para a leitura desses textos, é fundamental atenção ao **contexto** em que eles estão inseridos: geralmente a rua. Portanto, observe a circulação desses textos (artísticos ou não) pela cidade, pelas paredes e pelo chão. Perceba a diferença de objetivos de cada um desses gêneros. Por exemplo, o objetivo da publicidade é o de vender um produto, fixar uma marca, já a produções cujo tom é artísticos (como intervenções urbanas) têm um potencial mais questionador, problematizador e até mesmo subversivo!

Graffiti/ Stencil



Na imagem, uma intervenção de Banksy, já conhecido e consagrado artista de rua britânico. O artista utiliza-se das paredes da cidade para propor reflexões acerca dos mais variados assuntos desde a condição humana até o cenário político. Nessa arte, em específico, vemos a inscrição “Follow your dreams” [Siga seus sonhos] por baixo de uma cartaz de “Cancelled” [cancelado] o que faz referência aos filmes e musicais que não fazem sucesso e logo são cancelados. Assim, fica implícito pela imagem e o texto que “seguir os seus sonhos” não teve sucesso e, por isso, teve de ser cancelado. Essa ideia é reforçada pela imagem do homem com outros cartazes e um balde de cola na mão.

Pixo



Mais um gênero textual de manifestação urbana é o pixo. Esse sempre carregado de forte valor político, apresenta um grande potencial questionador, o que é facilmente percebido nessa imagem. Em uma parede, o pixador evidencia a necessidade do pixo como forma de expressão de um povo, pois, segundo ele, quando as paredes estão em branco, o povo não está dizendo nada. Além disso, esse pixo representa também uma importante característica do gênero: a embate entre a indivíduo e o Estado, ou seja, a tentativa de desinstitucionalizar os espaços da cidade.

Lambe-Lambe



"Lambe" do Coletivo Transverso, um coletivo de poesia e arte urbana.

O lambe-lambe é uma técnica ligada ao grafite. No entanto, utiliza cartazes como forma de intervenção urbana. Esse gênero pode ser utilizado com diferentes propósitos desde transmissão de ideias e pensamentos a divulgação de protestos. Assim, o tema apresentado nesse gênero pode variar mais do que os dos gêneros anteriores.

PARA CONCLUIR...

Vimos ao longo desse material **diversos gêneros textuais**. Alguns deles com características de tipologias mais **argumentativas**, outros mais **informativos** ou até **narrativos**. Vimos também que os **gêneros textuais estão no nosso cotidiano**, manifestados tanto de **forma escrita** quanto de **forma oral** nos mais variados **meios** (na escola, em casa, na internet e, até, nos muros da cidade!).

Percebemos também que ao ler o texto de determinado gênero devemos levar em consideração todos os elementos desse texto, sejam eles **verbais, não verbais** (imagens, por exemplo) ou **verbais e não verbais** juntos. Além disso, evidenciou-se a necessidade de percebermos a **situação de enunciação** em que ele circula! Isso é, devemos observar as **intenções autorais, funções textuais e características de cada gênero** para que, assim, sejamos capazes de realizar uma **interpretação competente** do texto!

EXERCÍCIOS

Depois de revisar o tópico **GÊNEROS TEXTUAIS**, vamos fazer alguns exercícios.

Preparados?

QUESTÃO 1

Leia a letra da canção da banda Ira!

*Receita para se fazer um
herói*

(Edgard Scandurra)

*Toma-se um homem
Feito de nada como nós
Em tamanho natural*

*Embebe-se-lhe a carne
De um jeito irracional
Como a fome, como o ódio*

*Depois, perto do fim
Levanta-se o pendão
E toca-se o clarim*

Serve-se morto

Observe as afirmações que seguem sobre a letra.

- I. Os versos de Edgard Scandurra se apropriam do gênero receita, tomando como referência as flexões verbais características desse tipo de texto e a estrutura recorrente que o divide em “Ingredientes” e “Modo de preparo”.
- II. O texto lida tão somente com uma perspectiva romântica de heroísmo, baseada na valorização extrema da ética, da justiça, da pureza e da perfeição física, logo, uma idealização, algo impossível.
- III. O sacrifício heroico que aparece na letra é tomado como referência da jornada tradicional do herói; neste caso, temos uma característica que transcende épocas – desde os gregos até os contemporâneos.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas I e III.
- (C) Apenas II.

- (D) Apenas I e II.
(E) I, II e III.

Resposta correta: B

Comentário: A afirmativa II está equivocada porque o herói pode vir a ser uma pessoa comum, como o texto indica ("...um homem / feito de nada como nós"), assim como o heroísmo pode brotar de sentimentos contraditórios, como o "ódio", trazido no texto, e o último verso comprova o que se diz na afirmação III.

QUESTÃO 2

Observe com atenção a letra da canção "A Carta", famosa na interpretação de Erasmo Carlos e Renato Russo no disco *Homem de Rua*, de Erasmo, de 1992.

A Carta

(Benil Santos e Raul Sampaio)

Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor!

*Porque veio a saudade visitar meu coração
Espero que desculpes os meus erros por favor*

Nas frases desta carta que é uma prova de afeição...

Talvez tu não a leias, mas quem sabe até darás

Resposta imediata me chamando de "Meu bem",

Porém o que me importa é confessar-te uma vez mais:

Não sei amar na vida mais ninguém...

*Tanto tempo faz que li no teu olhar
A vida cor-de-rosa que eu sonhava
E guardo a impressão de que já vi passar
Um ano sem te ver
Um ano sem te amar...*

*Ao me apaixonar por ti não reparei
Que tu tivestes só entusiasmo*

E para terminar
Amor assinarei
Do sempre, sempre teu...

Assinale a alternativa correta respeito do texto.

- (A) A letra da canção usa, tal como na estrutura comum do gênero carta, a 3^a pessoa.
- (B) O texto enfatiza o caráter genérico do discurso amoroso e a subjetividade é logo abandonada ao longo da letra; o que importa, portanto, é a mensagem em si, objetiva e direta, caracterizando o uso da função referencial.
- (C) A letra da canção é um longo pedido de desculpas pelas possíveis falhas no relacionamento do eu-lírico com seu(sua) interlocutor(a).
- (D) Por abordar um gênero textual da prosa, a carta, a letra da canção acaba por abandonar a estrutura do gênero lírico.
- (E) No texto, o protagonismo da mensagem é dado ao emissor, que expõe seus sentimentos e seu subjetivismo, como uma carta costuma ser apresentada; sendo assim, pode-se dizer que a função da linguagem que melhor cabe ao texto é a função emotiva.

Resposta Correta: E

Comentário: A questão explora, explora, basicamente, a relação entre gêneros textuais e funções da linguagem. A afirmação “A” está incorreta, pois o texto utiliza a 1^a pessoa; a afirmação “B” está incorreta, pois não há o abandono da subjetividade: o texto inteiro está centrado no “eu”, logo, no subjetivismo, descaracterizando o uso da função referencial; a afirmação “C” é incorreta por apropriar-se de uma interpretação falsa: não há menção a culpa por parte do eu-lírico/emissor; a afirmação “D” está incorreta, por se tratar de um texto em versos – que, portanto, mantém o uso da forma lírica típico das letras de música; há uma imbricação, no texto, portanto, de poesia com carta, bem como uma apropriação da carta como gênero textual por parte do gênero literário conhecido como lírico; a afirmação “E” é correta, pois faz uma leitura correta do texto e afirma acertadamente o que se conhece acerca da função emotiva da linguagem (onde se exploram os sentimentos e as emoções em textos em 1^a pessoa).

QUESTÃO 3

Leia o excerto abaixo.

O exercício da crônica

Vinicius de Moraes

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e

situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado (...).

Qual das afirmativas abaixo avalia de modo mais adequado o texto acima?

- (A) Apesar de o título usar a palavra “crônica”, esse texto pertence ao gênero conto e utiliza o tipo textual narrativo, pois apresenta um narrador.
- (B) O título - bem como o nome do autor - indicam que o texto trata-se de uma crônica, gênero relacionado ao cotidiano e à figura do cronista.
- (C) O texto acima utiliza o recurso da metalinguagem para apresentar uma narrativa breve, ou seja, um conto.
- (D) Vinícius de Moraes, poeta brasileiro, elaborou, no texto acima, uma poesia narrativa que versa sobre a crônica.
- (E) O excerto acima utiliza, preponderantemente, o tipo textual argumentativo, pois defende a importância da crônica.

Resposta correta: B

Comentário: As afirmativas trazem informações equivocadas ou parcialmente corretas; por exemplo, de fato, o texto utiliza a metalinguagem porém, trata-se de uma crônica, e não de um conto.

QUESTÃO 4

Leia o excerto abaixo e observe a imagem.

Por que o contato com a ficção é tão importante?

Os livros acumulam a sabedoria que os povos de toda a Terra adquiriram ao longo dos séculos. É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas multiplicar uma pela outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às idéias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade.

FONTE: Revista BRAVO! entrevista o crítico literário Tzvetan Todorov



Laerte

Após a leitura, podemos afirmar que

- (A) Os textos pertencem ao mesmo gênero textual, uma vez que abordam o mesmo tema: a importância da leitura na contemporaneidade, mesmo em contextos que não permitem tal prática.
- (B) O primeiro texto, escrito em prosa, pertence ao gênero crônica, uma vez que lemos, de modo informal, a opinião de alguém; o segundo texto, por sua vez, devido aos desenhos, é uma charge.
- (C) O texto I é representativo do gênero entrevista e, na resposta do entrevistado, é preponderante o tipo textual argumentativo; o texto II pode ser classificado como tirinha ou charge, uma vez que tece críticas.
- (D) O texto I, por meio da argumentação, explica por que as pessoas costumam ler literatura; o texto, em oposição, evidencia, por meio da ironia, as relações existentes entre inteligência e leitura.
- (E) O texto I explicita a opinião do entrevistado - o qual considera o contato com a ficção essencial; o texto II, por sua vez, sugere, por meio das imagens, o quanto ler é algo dispensável.

Resposta correta: C

Comentário: Nessa questão, devemos confrontar dois textos distintos, uma entrevista e uma charge ou tirinha; ambos abordam a importância da leitura, assumindo-a como um hábito positivo. As alternativas A e B trazem informações equivocadas sobre os textos e sobre os gêneros textuais; já as alternativas D e E estão parcialmente corretas, ou seja, interpretam e avaliam adequadamente apenas um dos textos.

QUESTÃO 5

Leia o excerto abaixo.

As Olimpíadas causaram uma comoção nacional enorme, isso não tem como negar,

mesmo que você não gostasse, uma hora ou outra estava comentando, é aquele ditado, falem bem ou falem mal, falem de mim.

Porém, o mesmo não aconteceu com as Paraolimpíadas, tanto que muitos ingressos estão encalhados e várias campanhas surgiram para motivar o povo a prestigiar nossos atletas!

Pois bem, uma dessas grandes empresas que se solidarizou com as paraolimpíadas foi a revista Vogue, o problema foi a forma que a revista encontrou para divulgar o evento. O povo chamou Cléo Pires e Paulinho Vilhena, que são embaixadores da competição, tirou umas fotos e PÁ.

Gente, não era melhor ter chamado atletas paraolímpicos? Sim, claro, com certeza. Segundo a empresa a intenção é de “atrair visibilidade aos Jogos Paralímpicos”, o que de certo modo chamou, afinal, quem tava falando dos atletas antes disso? Vocês que não eram!

PORÉM, a representatividade e a visibilidade dos próprios atletas fica como? De que adianta falar sobre, mas não botar o povo lá na capa, escancarando, mostrando “olha, a gente tá aqui lutando por medalha”?

FONTE: <http://www.divadepressao.com.br/revista-vogue-causa-polemica-ao-fazer-ensaio-com-atores-amputados-digitalmente-oi/>

Sobre o texto são feitas estas afirmativas:

- I. O texto utiliza uma linguagem formal e segue os preceitos da norma culta padrão da língua portuguesa.
- II. O texto apresenta um fato recente (uma campanha publicitária) e, em seguida, enuncia uma opinião sobre o assunto.
- III. O texto utiliza o tipo textual argumentativo e apropria-se do questionamento como recurso de persuasão.

Quais estão corretas?

- (A) Apenas I.
- (B) Apenas II.
- (C) Apenas III.
- (D) Apenas II e III.
- (E) I, II e III.

Resposta correta: D

Comentário: As afirmativas corretas são a II e a III, pois, de fato, o texto apresenta uma opinião e o faz por meio de uma linguagem informal (o texto é de um blog), coloquial - o que indica o equívoco da afirmativa I.

PARTE I

PORTUGUÊS

03

LÍNGUA E SOM FONÉTICA

FONÉTICA E ORTOGRAFIA

E aí, galera do Me Salva!, tudo bem? Vamos continuar nosso estudo dando uma olhada nas relações que existem entre a língua falada e a língua escrita. Você já reparou nas diferentes formas que usamos a Língua Portuguesa todos os dias? Por exemplo: você escreve e-mails para o seu chefe da mesma forma com que você conversa com seus amigos? Certamente não. No entanto, nos dois casos você faz uso da Língua Portuguesa, mas no primeiro você usa a língua escrita, enquanto no segundo você faz uso da língua oral. Neste módulo vamos estudar as diferenças entre língua escrita e língua oral, para que vocês possam compreender a relação que existe entre as letras escritas e os sons da Língua Portuguesa.

FONEMA E LETRA

Fonemas são a menor unidade de som da língua capaz de diferenciar uma palavra da outra. Por exemplo: qual a diferença entre “manga” e “sanga”? A diferença é que uma palavra inicia com o fonema /m/ enquanto que a outra começa com o fonema /s/. Essa particularidade no som diferencia uma palavra da outra, e essa diferença é justamente aquilo que chamamos de fonema. Enquanto isso, as letras representam os fonemas de maneira gráfica. Ainda com o exemplo das palavras “manga” e “sanga”, usamos as respectivas letras “m” e “s” para representar os fonemas /m/ e /s/.

Agora, vamos dar uma olhada no alfabeto fonético, que usamos para representar os sons. Para se representar os fonemas, usamos o alfabeto da Língua Portuguesa. Para representar os sons com o máximo de fidelidade, usamos o alfabeto fonético. A letra “c”, por exemplo, possui diferentes sons; às vezes ela é pronunciada com o som de “k”, e outras vezes é pronunciada com o som de “s”. Por isso, se quisermos representar apenas os sons da língua, usamos o alfabeto fonético.

ALFABETO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MANGA - SANGA

FONEMAS

/M/ANGA - /S/ANGA

ALFABETO FONÉTICO

[*'mãŋ.gə*] - [*'sɐŋ.gə*]

CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS

Na Língua Portuguesa, há três tipos de fonemas: as vogais, as semivogais e as consoantes. As vogais são aqueles fonemas que não encontram nenhum obstáculo ao serem pronunciados, como /a/, /e/ e /o/. Em alguns casos, os fonemas /i/ e /u/ não são vogais, pois vêm apoiados em outra vogal. Nesses casos, esses fonemas são chamados de semivogais. Por último, as consoantes são os fonemas que encontram obstáculos ao serem pronunciados, como /p/, /b/, /k/, /j/, etc. Quando pronunciamos vogais, abrimos a boca e som sai livremente. Nas consoantes não, geralmente esses obstáculos ficam por conta dos lábios, dentes, alvéolos (essa parte que temos no céu da boca, logo atrás dos dentes), além de várias outras partes da nossa boca.

ENCONTROS VOCÁLICOS E CONSONANTAIOS

Agora que já conhecemos os três tipos de fonemas, vamos partir para os encontros vocálicos e consonantais. Nessa parte do nosso estudo, compreenderemos o que ocorre quando há o encontro de duas consoantes na mesma palavra, como em “atleta”, ou de duas vogais, como em “noite”. É importante estudarmos isso porque irá nos auxiliar a aplicar as regras de acentuação. Vamos lá?

Encontro vocálico é o encontro de duas vogais em uma mesma palavra. Os encontros vocálicos se dividem em três tipos: ditongo, tritongo e hiato, como vocês podem visualizar na tabela abaixo:

| | | |
|---------|---|--------------|
| Ditongo | encontro de uma vogal e uma semivogal em uma mesma sílaba | beijo, causa |
|---------|---|--------------|

| | | |
|----------|---|-------------------|
| Tritongo | encontro de uma semivogal com uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba | Uruguai, Paraguai |
|----------|---|-------------------|

| | | |
|-------|--|----------------|
| Hiato | encontro de duas vogais em sílabas diferentes, que se pronunciam separadamente | ba-ú, ál-co-ol |
|-------|--|----------------|

- ✓ Além disso, os encontros vocálicos podem ser nasais, ou seja, as vogais passam por uma nasalização ao serem pronunciadas:

Ditongos nasais: mãe, pão, muito;

Tritongos nasais: quão, saguão, minguam.

Encontro consonantal, por sua vez, é o encontro de duas consoantes na mesma palavra, sem nenhuma vogal em entre elas. Quando duas consoantes estão juntas, mas possuem um único som, temos aquilo a que chamamos de dígrafo, como em “banho” e “arroz”.

PADRÃO SILÁBICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No mundo inteiro, existem aproximadamente 235 milhões de falantes da Língua Portuguesa. Só no Brasil, temos em torno de 185 milhões de pessoas falando essa língua. Além de Portugal, países como Angola e Moçambique também têm o português como língua oficial. Assim, o padrão silábico que apresentamos aqui se refere apenas ao português brasileiro que, por sua vez, também possui uma diversidade enorme. Vamos analisá-lo: a estrutura silábica básica do português brasileiro se dá no padrão “CV”, ou seja, consoante seguido de uma vogal.

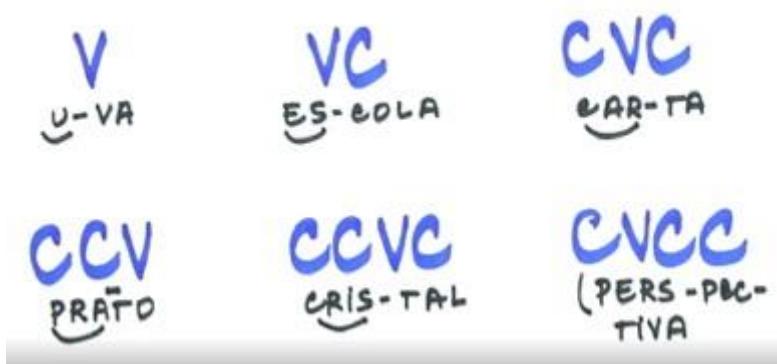
Padrão Silábico CV do Português Brasileiro

| | |
|-------|----------|
| pa-to | es-co-va |
|-------|----------|

| | |
|--------|--------|
| li-vro | pa-pel |
|--------|--------|

| | |
|-----------|----------|
| ca-cha-ça | ca-ne-ta |
|-----------|----------|

Além dessa estrutura básica, existem outras possibilidades que fogem dessa formação, como as da imagem abaixo:



Quando a estrutura silábica foge aos casos apresentados acima, o falante do português brasileiro tem a tendência de resgatar a estrutura CV. Por exemplo: na palavra “cacto” (cac-to/CVC-CV), alguns falantes do português brasileiro pronunciam “cáquito” (cá-qui-to/CV-CV-CV), resgatando a estrutura silábica básica CV. Isso ocorre em várias outras palavras, como pneu (“pi-neu”), gnomo (“gui-no-mo”) e digno (“di-gui-no”).

Além disso, ao pronunciar palavras estrangeiras, o falante nativo do português tem tendência a pronunciar a palavra com a estrutura silábica CV. Por exemplo: a palavra “link”, de origem inglesa, é pronunciada em português da seguinte maneira: “linqui” (lin-qui CV-CV). Outros exemplos: cupcake, cookie, site, shopping, etc.

SÍLABA E TONICIDADE

Antes de vermos os conceitos desse tópicos, vamos ler este poema de Ana Cristina César:

(...)

Eu quero pensar ao apalpar
eu quero dizer ao conviver
eu quero parir ao repartir

filho

pai

e

fogo

DE-LI-BE-RA-DA-MEN-TE

abertos ao tudo inteiro

maiores que o todo nosso

em nós (com a gente) se dando

HOMEM: ACORDA!

CÉSAR, A. C. Inéditos e Dispersos, 1985. In: Poética. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.174

No oitavo verso do poema de Ana Cristina César, a palavra “deliberadamente” aparece em caixa alta e com a divisão silábica marcada como recurso poético para mostrar ao leitor que ela deve ser lida intensa e pausadamente. Esse grupo de sons pronunciado de uma só vez, como “DE” ou “LI”, é chamado de **sílaba**. Em uma definição mais clara, sílaba é o grupo de fonemas pronunciados em apenas uma emissão de voz.

Importante: toda sílaba possui vogal!

Quanto ao número de sílabas, as palavras se classificam em:

Monossílabas – apenas uma sílaba:

mau, pó, luz, há, quem

Dissílabas – duas sílabas:

livro, leite, caí, roer, boca

Trissílabas – três sílabas:

circuito, saúde, igreja, cabeça, árvore

Polissílabas – mais de três sílabas:

responsabilidade, gramática, americano, característica, casamento

TONICIDADE

Em palavras com duas ou mais sílabas, há sempre uma sílaba que é pronunciada com mais força do que as outras, a sílaba tônica. As outras sílabas, pronunciadas com menor intensidade, são chamadas de átonas. Por exemplo: as sílabas tônicas estão em negrito nas palavras li-vro, i-gre-ja, você, gar-ra-fa, etc.

NOTAÇÕES LÉXICAS

ORTOGRAFIA

“Orto” é um prefixo que significa “correto”, enquanto que “grafia” é um sufixo que significa “escrita”. Ou seja, a palavra ortografia significa o estudo da escrita correta. As palavras de nossa língua se formam a partir das letras do alfabeto e de alguns sinais gráficos que servem para indicar valores fonéticos, que veremos a seguir.

ACENTOS

- a) Acento agudo - usado de acordo com as regras de acentuação gráfica sobre as vogais;

década, círculo, raciocínio

- b) Acento grave - indica a fusão de dois ‘a’, ou seja, a crase;

àquele, àquela, à

- c) Acento circunflexo - usado de acordo com as regras de acentuação gráfica sobre as vogais ‘a’, ‘e’ e ‘o’.

êxodo, têxtil, boêmia

TIL, TREMA, APÓSTROFO

- a) Til - indica nasalização;

canhão

- b) Trema - indica o ‘u’ pronunciado;

Bündchen

- c) Apóstrofo - indica a supressão de um fonema na palavra;

vozes d'África

CEDILHA, HÍFEN

- a) Cedilha - usado na letra ‘c’ para indicar o som de ‘s’;

caçar, açúcar, espaço

- b) Hífen - une palavras compostas;

pré-lavar, pós-estruturalista

ACENTUAÇÃO

Agora que sabemos o que é sílaba tônica, vamos dar uma olhada nas suas diferentes classificações, conforme quadro abaixo:

| Oxítonas | Paroxítonas | Proparoxítonas |
|---|--|--|
| Palavras cujo acento recai sobre a última sílaba. | Palavras cujo acento recai sobre a penúltima sílaba. | Palavras cujo acento recai sobre a antepenúltima sílaba. |
| Ex.: Café | Ex.: Alface | Ex.: Sábado |

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

Vamos dar uma breve olhada nas regras de acentuação.

Atenção: não se preocupe em decorar essas regras!

OXÍTONAS

Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS.

Exemplos: maracujá, você, dominó, parabéns.

PAROXÍTONAS

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em:

- ✓ i, is e us

táxi, lápis, vírus

- ✓ l, n, r, x, nos

fácil, hífen, revólver, látex

- ✓ ã, ão, ãs, ãos

ímã, ímãs, órgão, órgãos

- ✓ on, ons

elétron, fótons

- ✓ um, uns

fórum, médiuns

- ✓ ei, eis

jóquei, fáceis

Em síntese, as paroxítonas sempre serão acentuadas, desde que não tenham a terminação das oxítonas (ver quadro abaixo).

PROPAROXÍTONAS

- ✓ Todas as proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos: húngaro, íngreme, pântano, abóbada.

Observação

Muita coisa para estudar, não é mesmo? Não se desespere, nós te salvamos! Não é necessário decorar todas essas regras, pode-se sempre aplicar esse pequeno resumo encontrada no quadro abaixo, de fácil memorização.

| ACENTUAÇÃO GRÁFICA - RESUMO | | |
|---------------------------------|-----------------------|-----|
| A (S), E (S), O (S), EM, ENS | OUTRAS TERMINAÇÕES | |
| OXÍTONAS | Sim | NÃO |
| PAROXÍTONAS | NÃO | Sim |
| PROPAROXÍTONAS | Sim | Sim |

Com esse resumo em mente, estudamos a acentuação da maioria das palavras da Língua Portuguesa. Existem outras regras que veremos logo a seguir, mas lembre-se: para que possamos realmente aprender ortografia, precisamos manter uma rotina de leitura diária.

Outras regras

- ✓ Encontros vocálicos que não ficam juntos na separação de sílabas - hiatos;

- ✓ As letras “I” e “U” serão acentuadas quando tônicas, ao formarem sílabas sozinhas ou se forem seguidas da letra “S”;
- ✓ Devem ser antecedidas por vogal diferente de I e U;
- ✓ As letras I e U não podem ser seguidas por “NH”;

caída, baú, juíza, gaúcho

Observação: após o novo acordo ortográfico, não serão acentuados os hiatos “I” e “U” quando, em palavras PAROXÍTONAS, forem antecedidos por ditongo crescente, como em feiura, bocaiuva e baiuca.

- ✓ Paroxítonas terminadas em ditongo crescente também serão acentuadas:

contraditório, decadência

Observação: paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser facilmente confundidas com proparoxítonas. Por exemplo, a palavra “história”. É uma paroxítona terminada em ditongo crescente: his-tó-ria. Porém, muita gente pode pensar que é uma paroxítona: “his-tó-ri-a”, o que seria um engano. É preciso ter cuidado com isso, pois algumas provas não questionam apenas a acentuação das palavras, mas sim o motivo pelo qual elas são acentuadas.

BIBLIOGRAFIA

MESQUITA, R. M. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

CEGALLA, D. P. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

PARTE I

PORTUGUÊS

04

**CLASSES GRAMATICAIS:
SUBSTANTIVO,
ADJETIVO...**

A ESPÉCIE DAS PALAVRAS - CLASSES GRAMATICAIS

E Aí!!!

GENTE BONITA ELEGANTE SINCERA DO ME SALVA!

(Sim... sou eu de novo gritando nos ouvidos de vocês, porque agora o assunto é outro e vocês todos já descansaram demais vendo netflix, então, bora estudar classes gramaticais... 😊.)

(Só algumas, na verdade)

A língua portuguesa se organiza por classes gramaticais variáveis e invariáveis. Tanto substantivo quanto verbo são considerados classes morfológicas importantes, pois geralmente são a base para a relação com outras classes, e, portanto, levam ao entendimento de uma frase. Adjetivo, pronome, artigo e numeral e advérbio geralmente se ligam ao substantivo e ao verbo. Já preposição e conjunção ligam palavras uma às outras, e frases umas às outras. Além da interjeição, que revela sentimentos.

O USO DOS SUBSTANTIVOS

Pode parecer lugar comum começar pela definição de que “substantivos nomeiam as coisas do mundo”. Contudo, esse conceito é importante porque mostra que é importante apropriar-se do mundo a sua volta de alguma maneira. As várias ciências fazem isso de diferentes maneiras: a Matemática usa a linguagem dos números, a Química desvenda os mistérios dos elementos da natureza, e a História analisa o passado. É por meio da linguagem que podemos apresentar nosso mundo para o outro, como o nomeamos, por exemplo. Dá uma lidinha no texto abaixo.

MARCELO, MARMELO, MARTELO

Ruth Rocha

Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
- Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
- E por que é que não escolheram martelo?
- Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta...
- Por que é que não escolheram marmelo?
- Porque marmelo é nome de fruta, menino!
- E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?.



Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias

Pensassim...

A obra de Ruth Rocha é direcionada ao público infantil. Claro que sabemos que tu não és mais criança. No entanto, vamos fazer um exercício imaginativo:

O que levaria Marcelo (ou qualquer outra criança) a questionar os nomes dados às coisas do mundo ao seu redor?

Sejamos um pouco mais abrangentes:

Se pessoas, lugares, objetos têm um nome já estabelecido, o que impede que nós as rebatizemos conforme nossa relação com as pessoas, os lugares e os objetos?

Em nossa relação com o mundo que nos rodeia, precisamos compreender que os substantivos são os nomes dados arbitrariamente. Alterá-los seria interferir na relação que eles têm com aquela comunidade falante.

Observe...

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

- Mamãe, quer me passar o mexedor?
- Mexedor? Que é isso?
- Mexedorzinho, de mexer café.
- Ah... colherinha, você quer dizer.
- Papai, me dá o suco de vaca?
- Que é isso, menino!
- Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.
- Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

- Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende...
 - Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas? — Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!
 - Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?
- O pai de Marcelo suspirou:

— Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...

Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, à sua moda. Chegava em casa e dizia:

— Bom salário pra todos...

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

— Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado.

A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

— Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para as coisas... Você já pensou, quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho...

— Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança...

Mas estava custando a passar... Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

— Bom salário, bom lunário... — que era como ele chamava o dia e a noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas. Até que um dia...

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de latildo. E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre! Marcelo entrou em casa correndo:

— Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

— O quê, menino? Não estou entendendo nada!

— A moradeira, papai, embrasou...

— Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

— Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada. Quando Seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde. A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas. O Godofredo gania baixinho. E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

— Gente grande não entende nada de nada, mesmo!

Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo. E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo. E o pai do Marcelo falou:

— Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

E a mãe do Marcelo disse:

— É sim! Toda branquinha, com a entradeira na frente e um cobridor bem vermelhinho...

E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem. O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que ele fala. E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam.

[http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/\[Infantil\]_Ruth_Rocha_-Marcelo_Marmelo_Martelo.pdf](http://www.unilago.com.br/download/arquivos/20996/[Infantil]_Ruth_Rocha_-Marcelo_Marmelo_Martelo.pdf)

A obra de Ruth Rocha vai no cerne da função dos substantivos. É claro que não se trata aqui, APENAS, de como os substantivos devem ser classificados, flexionados ou utilizados. Trata-se de refletir sobre o que se sabe.

Este narrativo escrito pela escrevedora encanta pequenuchos até o diatual. Se tu conseguiste te encantar e pensar sobre a língua que falas, és Marcelomarmelomartelo também.

A classificação dos substantivos pode se repetir e se replicar infinitamente pelas interneta da vida...



Classificação

Os substantivos podem ser classificados em:

Comuns e próprios

Comuns são aqueles que dão nome a **espécie**: **pessoas**

Concretos e abstratos

Concretos são aqueles que designam os seres **proprietary**; abstratos são aqueles que designam ações,

Coletivos

São substantivos comuns que, no singular, designam de atores); **matilha** (conjunto de cães de caça); **cardume**

Primitivos e derivados

Primitivos são aqueles de que não derivam de outros

Os derivados são aqueles que procedem de outras p

Simples e composto

Simples são aqueles substantivos constituídos de un

Os substantivos são classificados assim:

- **Comuns:** nomeiam grupos de seres da mesma espécie.
Ex: jornal, país, cidade, animal, boca, beijo.
- **Próprios:** nomeiam seres particulares de uma determinada espécie. São os nomes de pessoas, cidades, equipes de futebol, etc
Ex: Fortaleza, Salvador, Ceará, Brasil, América do Norte
- **Abstratos:** nomeiam estados, qualidades, sentimentos ou ações cuja existência depende de outros seres, explica-se: a beleza, por exemplo, precisa de algo concreto (um vaso, um rapaz, uma árvore) para se manifestar.
Ex: tristeza, cansaço, prazer, alegria, beleza, verdade, ironia
- **Concretos:** nomeiam seres cuja existência é própria, independente de outros.
Ex: beija-flor, mulher, Deus, vento, alma
- **Primitivos:** são os nomes que não derivam de outros.
Ex: dia, noite, carroça, mar, água
- **Derivados:** são os nomes formados a partir de outros.
Ex: diarista (de dia), noitada (de noite), carroceiro (de carroça), maremoto (de maré), aguaceiro (de água)
- **Simples:** são os nomes que apresentam apenas um elemento formador, um radical.
Ex: caneta, pau, flor, couve, água, cheiro
- **Compósitos:** são os nomes formados de dois ou mais elementos.
Ex: caneta-tinteiro, couve-flor, água de cheiro
- **Coletivos:** são os nomes comuns que servem para designar conjuntos de seres de igual espécie.
Ex: flora (de todas as plantas de uma região), tertúlia (conjunto de pessoas amigas), floresta (conjunto de árvores), panapaná (conjunto de borboletas)

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/substantivo-1-conceito-e-classificacao.htm>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

Porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia...

É preciso ficar clara a organização proposta na gramática.

comum
x
próprio

A dualidade organiza aquilo que compreendemos como coisas cotidianas do nosso cotidiano e aquilo que precisa ser reconhecido especificadamente.
Comum é a mesa, a cadeira, o jogo, o beijo, o amor.
Próprio é o nome dado àquilo que nos cerca: Brasil, Porto Alegre, Corinthians, Bar do Lado, Estação Primeira de Mangueira.

Outra organização abrange a existência de objetos e seres e a forma abstrata como vemos e sentimos o mundo.

concreto
x
abstrato

A dualidade propõe que substantivos concretos são perceptíveis e independentes para toda a comunidade falante, como água, Deus, unicórnio, fogo, mesa e computador.
Já os substantivos abstratos tratam de descrever a percepção abstrata daquela comunidade falante, em seus estados (dor), qualidades (inteligência), sentimentos (melancolia) e ações (estudo).

Para além dessa classificação, podemos também pensar em substantivos primitivos ou derivados e substantivos simples e compostos.

primitivo
x
derivado

A gramática organiza os substantivos como primitivos se não houver origem em outra palavra da língua, como ocorre com derivados.
Primitivos: flor, jornal, avião
Derivados: floricultura, jornalista, aviador

Simples
x
composto

A gramática também define que substantivos simples apresentam apenas um núcleo: flor, roupa, homem.
Já os compostos apresentam mais de um núcleo de significado na língua e geram um terceiro conceito: beija-flor, guarda-roupa, lobisomem.

Mas para além das classificações, há os usos que fazemos das palavras que conhecemos. Já parou pra pensar que somos Marcelo muitas vezes...

Apesar do processo de *impeachment* da **presidenta** Dilma Rousseff, a ação prosseguiu porque os dois integrantes da chapa podem ficar inelegíveis por oito anos se o TSE entender pela cassação do resultado da eleição de 2014. Se a ação for julgada procedente, o Congresso Nacional fará uma eleição indireta para escolher um novo presidente. O tribunal também pode decidir dar posse ao segundo colocado, o senador Aécio Neves (PSDB-MG).

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-03/tse-julgamento-de-acao-que-pede-cassacao-da-chapa-dilma-temer-comeca-dia-4>

COMO ENTRAR NA ACADEMIA DO LEO - PERGUNTE AO MONSTRO

Salve, **Monstros** desse meu Brasil, tudo na paz? Nesse "Pergunte ao **Monstro**" o Leo vai responder as perguntas que vocês mandam diariamente aqui na Fábrica e também vai gastar com os Frangolinos de plantão, que alias, querem saber aonde fica a academia do Leo para treinar (ou gastar) junto com ele.

Vem **Monstro**!

<https://www.fdmoficial.com.br/blog/academia-do-leo-pergunte-ao-monstro/>

Perceba que os vocábulos “presidenta” e “monstro” atendem qualquer uma das definições pré-estabelecidas para que um substantivo seja considerado substantivo. O estudo aqui, contudo, precisa se concentrar no questionamento que pode ser feito: se é possível dar novos sentidos aos substantivos já existentes, por que é preciso ater-se e respeitar uma classificação gramatical?

A resposta estaria na própria pergunta, jovem padawan. Somente conhecendo as classificações aceitas em sua comunidade falante, mesmo que de modo inconsciente, criamos ou ressignificamos substantivos em posição de nomear “coisas” e não outras classes gramaticais, como verbos ou advérbios em lugar de seus nomes. Olha só...



<https://2.bp.blogspot.com/-OiuDdfOpIM/Uw5lofh3JtI/AAAAAAAARyo/AxN1A4b4f6c/s1600/Rede+social+lotada.png>

Na tirinha de Alexandre Becker, a palavra “rede” foi ressignificada de acordo com o contexto. Além da “rede” enquanto tecido ou malha resistente, suspenso pelas duas extremidades, onde se dorme ou descansa (que deve ser entendida

como substantivo concreto), há a “rede” que engloba as pessoas que conhecemos (um substantivo abstrato, no caso). No entanto, “rede social” passa a qualificar muito mais que um meio virtual de acessar pessoas que conhecemos, visto que na rede de Armandinho, seus amigos estão de fato presentes, próximos, se visualizam e não se bloqueiam.

O USO DOS ADJETIVOS

A classificação dos adjetivos também se assemelha à forma como os substantivos se organizam. E a variabilidade dos adjetivos também permanece (gênero e número) como nos substantivos, acrescentando-se mais uma flexão (flexão de grau). Daí uma proposta de tabela.

| SIMPLES X COMPOSTO | PRIMITIVO X DERIVADO |
|--|---|
| camiseta azul / camiseta azul-marinho | homem bom / homem bondoso |
| ADJETIVOS PÁTRIOS | LOCUÇÃO ADJETIVA |
| cidadão brasileiro / cultura afro-brasileira | asa aquilina (de águia) / era glacial (de gelo) |

Observe a tirinha de Laerte:



(Folha de S. Paulo, 4/5/2013. Folhinha.)



Perceba que o substantivo “ilha” recebe mais adjetivos a medida que os pássaros chegam ao seu destino. Primeiramente, a locução adjetiva “das flores”. Na locução adjetiva, o substantivo “flores” recebe dois adjetivos. Informar que as “flores” são “gigantes” e “carnívoras” parece crucial para a sobrevivência dos pássaros, mas são exatamente esses adjetivos que justificam o aviso de “cuidado”.

A questão é que, no cotidiano, percebemos que haverá diferentes usos para os adjetivos.

Por exemplo:

- ✓ Um velho amigo me ligou.
- ✓ Um amigo velho me ligou.

Ou ainda...

- ✓ Aquela pobre criança precisa de ajuda.
- ✓ Aquela criança pobre precisa de ajuda.

A colocação do adjetivo antes ou depois do substantivo pode alterar o sentido que se dá ao substantivo. É claro que sabemos disso, no entanto é interessante esclarecer que não é só uma questão de posição, pois isso afeta a construção de sentido do texto, a semântica.

Outra alteração que pode ocorrer é quanto ao uso do adjetivo como um advérbio, coloquialmente. Levando em consideração determinadas circunstâncias, o adjetivo pode ser empregado como tal. Dá uma olhadinha...

Por exemplo...

- ✓ O professor entrou tranquilo na sala de aula. (equivalendo a “tranquilamente”)
- ✓ Devido a isso, o aluno agiu calmo. (representando a condição de “calmamente”)

E muitas são as vezes em que o adjetivo é utilizado como substantivo e só levando em consideração o contexto, é possível comprehendê-lo.

- ✓ Os menores foram detidos e levados aos pais.

O USO DOS ARTIGOS

O artigo, como classe gramatical, por vezes passa despercebido. Como classe de palavra variável, é utilizado antes do substantivo, indicando gênero (masculino

e feminino (dā)) e número (singular e plural (dā)²). O artigo é basicamente um demonstrativo que funciona como adjunto dos substantivos.

| DEFINIDOS | INDEFINIDOS |
|---------------|--------------------|
| o, a, os, as, | um, uma, uns, umas |

A noção básica dos artigos é clara. O problema está em compreender suas particularidades de uso. Devido a isso, levam-se em conta alguns os casos em que o uso dele se faz presente. Bora comprehendê-lo.

COMPREENSÃO GERAL

1) Nome de CEP (cidade, estado, país (lembra de jogar stop...))

- a) Locais que não apresentam uso do gênero: Portugal, Roma, Curitiba, São Paulo
- ✓ Lisboa é capital de Portugal.

- b) Locais com uso do gênero: Bahia, Rio de Janeiro, Açores
- ✓ Salvador é capital da Bahia.

- c) Uso com especificidade: olha o uso com adjunto adnominal
- ✓ A Portugal de Camões precisa ser reconhecida.

2) Nomes de pessoas, de civilizações, de grupos, e de um ajuntamento de gente.

- a) No singular, sem artigo:
- ✓ Fábio trabalha à noite.

- b) No plural, com artigo:
- ✓ Os Maias e os Astecas dominavam a América.

- c) Com intimidade (pois é...), com artigo:
- ✓ O Fábio trabalha mais à noite.

3) Com o pronome indefinido “todo”, se refere à totalidade; sem o uso dele, o pronome assume o sentido de “qualquer”.

- ✓ Todo o mundo precisa trabalhar pela paz.
- ✓ Todo mundo foi convidado pra festa.

4) O artigo indefinido determina o substantivo de forma imprecisa.

- ✓ Empresta uma caneta?
- ✓ Camila deve ter uns 30 anos.

5) O artigo indefinido reforça expressões exclamativas:

- ✓ Foi uma alegria te encontrar.
- ✓ O jogo foi um horror!

Observe aqui essa tirinha do Snoopy, de Charles Schulz.



Sally Brown (não é memória boa, é Wikipédia) avisa que há *um* cão (sem maiores detalhes) querendo entrar na casa. No entanto, nós, leitores, que conhecemos o Snoopy, vemos seu questionamento sobre o que foi dito pela menina e não gosta de ser caracterizado como *um* cachorro; prefere ser reconhecido como *o* cachorro. Ao ser apresentado como *um cachorro*, Snoopy se sente desvalorizado, pois não há distinção dele para os outros seres que podem ser nomeados como cachorros. E quando se define como *o cachorro*, Snoopy mostra sua unicidade; mesmo pertencendo a uma espécie vasta, apresenta-se como singular.

O USO DO NUMERAL

E pra você que está esperando piadinha sobre número só serem úteis na matemática, desculpe a decepção. É que o número não é muita coisa se não houver um valor a ele.

Pense nesses números: 50.



QUAL 50 VOCÊ PREFERE?

É possível inclusive organizar uma decorebinha...

| | | |
|---|----------------------------------|---|
| GENTE IMPORTANTE, SÉCULOS E CAPÍTULO DE OBRA | Até 10 (ordinal) | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Castilhos I da Quebrada (primeiro) ✓ Século II (segundo) ✓ Capítulo IV (quarto) |
| | Depois de 10 (cardinal) | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Papa Fábio XIX (dezenove) ✓ Século XXI (vinte e um) ✓ Canto XV (quinze) |
| ANTES DOS SUBSTANTIVOS | Ordinal em tudo | <ul style="list-style-type: none"> ✓ 5º andar (quinto) ✓ 14º estrofe (décima quarta) ✓ 9º grupo (nono) |
| SE FOR REFERENTE A LEIS | Ordinal até 9 Cardinal depois | <ul style="list-style-type: none"> ✓ artigo 9º (quinto) ✓ parágrafo 10 (onze) |

Vamos mais além.

Se há um número em um texto ele precisa ser analisado. Lembra do tema de redação do ENEM 2015 (sobre a persistência da violência contra a mulher)? Olha o texto I.

TEXTO I

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.465, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

WALSELFISZ, J. J. Mapa da Violência 2012. Atualização: Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em: 8 jun. 2015

O texto aborda que, nos últimos 30 anos, morreram 92 mulheres, sendo que quase metade deste número foi na última década. Mais adiante, a porcentagem assusta. Como entender numerais pode ajudar? O valor e a análise destes números na compreensão do texto. O parágrafo deve chocar por afirmar que, mesmo havendo uma evolução cronológica de três décadas, nos anos 80 e 90 morreram menos mulheres do que nos anos 2000, em decorrência da violência contra a mulher.

Vamos mais além².

Se o número não é nada mais do que dissemos sobre ele, compreender os substantivos que com ele estão relacionados é mais relevante que qualquer outra coisa.

Vamos mais além³.

É por isso importa compreender a importância dos substantivos e que sozinhos, eles são muito pouco; que adjetivos, artigos e numerais são os adjuntos, elementos que caracterizam, especificam, apresentam nossa visão de mundo expressa nos substantivos.

Depois de tanta reflexão, encerra-se mais um capítulo de um jeito sério e formal, pois é hora de dar tchau.



PARTE I

PORTUGUÊS

05

**CLASSES GRAMATICAIS:
VERBOS,
ADVÉRBIOS...**

CLASSES GRAMATICAIS: VERBOS, ADVÉRBIO...

E AÍ!!! GENTE BONITAELEGANTESINCERA DO ME SALVA!

(Que rufem os tambores e toquem as trombetas... O anjo do estudo acabou de passar por aqui para desligar sua netflix e voltar a estudar 😊.)

Como sabemos, a língua portuguesa se organiza por classes gramaticais variáveis e invariáveis. O fato de o verbo ser uma dessas classes centrais para compreensão da língua, ajuda-nos também na construção de sentidos nos enunciados que produzimos. Para tanto, é preciso também estudar formas

Como sabemos, a língua portuguesa se organiza por classes gramaticais variáveis e invariáveis. O fato de o verbo ser uma dessas classes centrais para compreensão da língua, ajuda-nos também na construção de sentidos nos enunciados que produzimos. Para tanto, é preciso também estudar formas de ligar uma ideia na outra, o que pode ser feito por meio de preposições e conjunções. Por fim, o uso da interjeição busca mostrar nossas percepções e emoções.

O USO DOS VERBOS

Definir verbo como a classe gramatical que se flexiona em pessoa, número, tempo, modo e voz reduz demais o seu uso no cotidiano. O que caracteriza o verbo não são apenas as suas flexões, mas a forma como cada flexão descreve o mundo aos olhos do falante. Ele pode indicar ação, estado ou fenômeno, entre outros. Devido a isso, é seguro afirmar que o verbo se constitui de distintas particularidades, bem como de uma importância fundamental nas situações comunicativas cotidianas.

Todos Os Verbos

Zelia Duncan

Errar é útil

Sofrer é chato

Chorar é triste

Sorrir é rápido

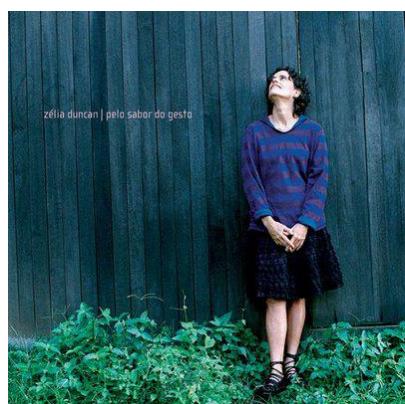
Não ver é fácil
Trair é tátil
Olhar é móvel
Falar é mágico
Calar é tático
Desfazer é árduo
Esperar é sábio
Refazer é ótimo

Amar é profundo
E nele sempre cabem de vez
Todos os verbos do mundo

Abraçar é quente
Beijar é chama
Pensar é ser humano
Fantasiar também
Nascer é dar partida
Viver é ser alguém
Saudade é despedida
Morrer um dia vem

Mas amar é profundo
E nele sempre cabem de vez
Todos os verbos do mundo

Pensassim...



A letra de Zelia Duncan traz suas percepções de mundo, seus sentidos: se para uns “falar é mágico”, para outros “calar é prático”; para uns “abraçar é quente”, mas outros consideram que “beijar é chama”.

Sejamos um pouco mais reflexivos:

O verbo quando na forma de infinitivo não define o mundo a menos que seja utilizado pelo falante. E é justamente por isso que o verbo se constitui de distintas particularidades, pois a partir dele é possível expressar as mais diversas percepções de mundo que podemos vir a ter.

Observe:

MODO

| | | |
|------------|-------------------------------------|--|
| INDICATIVO | Ação a ser consumada com certeza. | Ex.: Trabalho neste sábado. |
| SUBJUNTIVO | Ação duvidosa, incerta, hipotética. | Ex.: É provável que trabalhe neste sábado. |
| IMPERATIVO | Indica ordem, pedido ou conselho. | Ex.: Trabalhe neste sábado para descansar no próximo. |

Por que compreender os modos verbais interessa? Tal questionamento faz sentido à medida que percebemos que o falante busca não apenas descrever uma situação, mas mostrar como se insere nesse mundo: uma ação certa, uma ação incerta, ou uma ordem a ser executada. Claro que não podemos pensar que um verbo, por estar no modo indicativo, subjuntivo ou imperativo, irá significar somente “certeza, incerteza e ordem”. Devemos sempre analisar o contexto como um todo, pois é a partir dele que se formam os sentidos que constituem a nossa linguagem.

TEMPO

| | | |
|----------|--|---------------------------------------|
| PRESENTE | Ação que ocorre no momento em que se fala. | Ex.: O carro passa correndo na rua. |
| PASSADO | Ação ocorrida em um momento anterior ao presente. | Ex.: O carro passou correndo na rua. |
| FUTURO | Ação que irá ocorrer posteriormente ao tempo presente. | Ex.: O carro passará correndo na rua. |

O tempo é outro aspecto importante, pois as suas desinências mostram como a linguagem humana se relaciona com a passagem do tempo. De modo geral, a maior parte das línguas percebe esse movimento temporal e a forma como isso acontece é o que vai especificar cada idioma. A marca de tempo, no entanto, nem sempre está relacionada somente com a passagem de tempo ontem, hoje, amanhã. Ela, junto do modo do verbo, constituirá sentidos que ultrapassam essa definição e nos mostram, por exemplo, a intencionalidade do falante ao enunciar uma frase.

NÚMERO E PESSOA

| | |
|--------|--|
| NÚMERO | Corresponde ao verbo no singular ou no plural. |
| PESSOA | Relação do verbo com a 1 ^a , 2 ^a , 3 ^a pessoa do singular ou do plural. |

Especificando qual pessoa do discurso conjuga o verbo mostra a quem estuda como aquela língua se organiza. Ter uma desinência específica para cada pessoa do discurso permite ao falante de língua portuguesa omiti-lo em algumas situações de uso.

Ex.: *Amo macarronada* descreve um EU que gosta de massa;

Já *Amamos macarronada* descreve um NÓS que não tem necessidade de aparecer no texto.

Daí a necessidade de compreender como cada conjugação verbal se organiza.

FORMAÇÃO VERBAL

Uma forma verbal pode apresentar diferentes elementos característicos do ponto de vista estrutural. Tais morfemas são as menores unidades significativas que, ao se unirem, compõem um todo com sentido e uso na língua. Olhemos os verbos...



Clube da Mafalda (<http://clubedamafalda.blogspot.com/>)

| | | |
|------------------------------------|---|---------------------------------|
| A) RADICAL | Parte invariável que expressa o significado essencial do verbo. | confi-ar; confi-as; confi-am |
| B) TEMA | Radical seguido da vogal temática que indica a conjugação a que pertence o verbo. | confia-r; vende-r; parti-r |
| C) DESINÊNCIA MODO- TEMPORAL | Elemento que designa o tempo e o modo do verbo | (ele) confia; confiou; confiava |

**D) DESINÊNCIA
NÚMERO-PESSOAL**

Elemento que designa a pessoa do discurso (1^a, 2^a ou 3^a) e o número (singular ou plural).

(tu) confia-s
(nós) confia-mos
(eles) confia-am

Acontece que os verbos podem ser entendidos como regulares ou irregulares. Daí esse entendimento precisa ser compreendido ao longo dos anos. Uma criança que começa a tomar contato com a língua até pode dizer

Eu fazi

Eu podi

Eu trazi

Mas essa irregularidade é aprendida com o tempo.

O USO DOS ADVÉRBIOS

O advérbio, assim como as outras classes gramaticais, possui como função específica indicar a circunstância em que se encontra o processo verbal, ou seja, como/onde/quando ocorre a ação do verbo.



Observe:

O uso do advérbio nunca dá a circunstância de quando há uma ligação para Calvin.

Nesse sentido, cabe ressaltar que distintas são essas circunstâncias, pois podem expressar modo, intensidade, lugar, negação, afirmação, instrumento, dúvida, entre tantas outras. Dessa forma, de acordo com o contexto, um mesmo advérbio pode expressar circunstâncias distintas. Vejamos os principais...

- ✓ **Modo:** bem, mal, melhor, pior, certo, também, e, em geral, os adjetivos femininos acrescidos do sufixo -mente.

Gisele desfilava bem.

Gisele desfilava elegantemente.

Obs.: Quando o advérbio é acrescido do sufixo -mente e temos mais de um advérbio na oração, somente o último deles é que vai receber o sufixo. Por exemplo: Gisele desfilava cuidadosa e elegantemente.

- ✓ **Afirmação:** sim, perfeitamente, positivamente, efetivamente, certamente.

Fábio sabe ler perfeitamente em javanês.

- ✓ **Negação:** não, nunca, nada, jamais.

Mariana nunca teve um animal de estimação.

- ✓ **Lugar:** aqui, ali, lá, além, perto, longe, fora, dentro, onde, acima, adiante.

Marina mora perto da cidade.

O gato está fora de casa.

- ✓ **Advérbios de intensidade:** muito, pouco, bastante, menos, mais, tão, tanto, todo.

Nara trabalha bastante para sustentar a família.

- ✓ **Tempo:** agora, logo, cedo, tarde, sempre, nunca, jamais, hoje, ontem, amanhã.

João chegou agora da fábrica.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Ocorre que quando duas ou mais palavras (geralmente uma preposição e substantivo ou advérbio) formam uma expressão, ela equivale a um advérbio nomeado locução adverbial.

*às vezes, às pressas, vez por outra, de qualquer modo, de propósito, em breve,
à toa, às escondidas, à noite, de repente, de súbito.*

- ✓ Vinícius fez o trabalho às pressas.
- ✓ Rodolfo errou a execução da música de propósito.

Obs.: As locuções adverbiais **femininas** sempre levarão **crase**!

O USO DA PREPOSIÇÃO

O uso da classe gramatical das Preposições está relacionado à nossa competência linguística. Utilizá-las demonstra conhecimento não apenas gramatical, mas de atribuição de sentido. Além disso, também diz respeito à transitividade verbal e, consequentemente, à regência verbal e nominal.

*(tem aquela maldita musiquinha decoreba com as seguintes preposições...
a, ante, perante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por,
sem, sob, sobre, trás, atrás de, dentro de, para com.)*

Ocorre que uma preposição precisa ser utilizada para completar um uso, mas ela mesma também tem algum sentido em si mesma.

| | |
|---------|----------------------------|
| DESTINO | Irei para a praia. |
| MODO | Chegou em casa aos gritos. |
| LUGAR | Vou ficar em casa. |

| | |
|-------------------|--|
| TEMPO | A prova vai começar em dois minutos. |
| FIM OU FINALIDADE | Vou ao médico para começar o tratamento. |
| COMPANHIA | Estarei com ele amanhã. |
| OPOSIÇÃO | Esse movimento é contra o que eu penso. |

LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

E da mesma forma que ocorre com as Locuções Adverbiais, juntar *uma preposição e substantivo ou advérbio* forma uma expressão, que equivale a uma preposição.

Em vez de irmos ao cinema, que tal irmos ao parque?

O USO DA CONJUNÇÃO



A classe de palavras das Conjunções funciona como elementos de ligação entre duas ideias.

Observe o uso do *se...*

A conjunção relaciona a possibilidade de maravilha do mundo com a comparação: as bibliotecas deveriam ser mais importantes que bancos.

Devido a essa possibilidade de relacionar de diferentes maneiras diferentes ideias, as conjunções gramaticais são essenciais para a escrita: elas conectam as orações e tem grande significado dentro do que desejamos expressar tanto na fala como na escrita.

EXEMPLOS DE CONJUNÇÃO LIGANDO ORAÇÕES:

- ✓ Estudei muito e aprendi a matéria.
(apenas soma as ações de estudar e de aprender)
- ✓ Estudei muito, mas não aprendi a matéria.
(neste exemplo uma ideia contradiz a outra)
- ✓ Enfim... Nos exemplos dados, as conjunções relacionam – praticamente – as mesmas ideias, contudo de forma oposta. Ou seja: a conjunção expressa a relação de ideias proposta pelo autor.

Por isso...

Entendamos as diferentes formas de classificar as conjunções.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

Conjunções coordenativas ligam orações de sentido completo e independente ou termos da oração que têm a mesma função gramatical. Perceba.

- ✓ **Aditivas:** ligam orações ou palavras, expressando ideia de adição.
e, nem (= e não), não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.
O professor não só dirigiu a pesquisa como também escreveu o relatório.
- ✓ **Adversativas:** ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste.
mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
Tentei chegar mais cedo, porém uma obra me atrapalhou.

- ✓ **Alternativas:** ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente.

ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja, talvez... talvez.

Ou escolho agora, ou fico sem presente de aniversário.

- ✓ **Conclusivas:** ligam a oração anterior a uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência.

logo, pois (depois do verbo), portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Fábio estava bem preparado para a prova, portanto nem se abalou.

- ✓ **Explicativas:** ligam a oração anterior a uma oração que a explica, que justifica a ideia nela contida.

que, porque, pois (antes do verbo), porquanto.

Agiliza, que o filme já vai começar.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS



Conjunções subordinativas ligam duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, chama-se oração subordinada. Ela é subordinada porque seu significado está subordinado ao da outra oração: elas se completam.

Tipo isso...

A festa começa quando ela chegar.

A festa começa: oração principal

quando: conjunção subordinativa

ela chegar: oração subordinada

A questão é que as próprias conjunções podem alterar o sentido da relação entre as orações.

A festa começa se ela chegar.

A festa começa já que ela chegou.

A festa começa embora ela não tenha chegado.

As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais:

- ✓ **Integrantes:** Indicam que a oração subordinada completa ou integra o sentido da principal.

Espero que você volte. (Espero sua volta.)

Não sei se ele voltará. (Não sei da sua volta.)

- ✓ **Adverbiais:** Indicam que a oração subordinada exerce a função de adjunto adverbial da principal, dependendo da circunstância que expressam.

- ✓ **Causais:** Introduzem uma oração que é causa da ocorrência da oração principal.

porque, que, como (= porque, no início da frase), pois que, visto que, uma vez que, porquanto, já que, desde que, etc.

Ele não fez o trabalho **porque** estava com preguiça.

Como estava cansado, desistiu do curso.

- ✓ **Concessivas:** Introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização.

embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, enquanto.

Embora estive tarde, fomos vê-la.

Eu não desistirei desse amor **mesmo que** ninguém mais acredite.

- ✓ **Condicionais:** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para ocorrência da principal.

se, caso, contanto que, salvo se, a não ser que, desde que, a menos que, sem que, etc.

Se precisar do meu ombro, liga.

Não vou ao escritório hoje, a **não ser** que haja algum negócio muito urgente.

- ✓ **Conformativas:** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro.

conforme, como (= conforme), segundo, consoante, etc.

A viagem ocorreu **conforme** planejamos.

Arrume o trabalho **segundo** as orientações do professor.

- ✓ **Finais:** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal.

para que, a fim de que, que, porque (= para que), que, etc.

Toque a campainha **para que** venham nos atender.

Aproxime-se a **fim de que** possamos vê-lo melhor.

- ✓ **Proporcionais:** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência da principal.

à medida que, à proporção que, ao passo que e as combinações quanto mais... (mais), quanto menos... (menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (menos), etc.

O preço fica mais caro **à medida que** a inflação sobe.

Quanto **mais** reclamava **menos** atenção recebia.

- ✓ **Temporais:** introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal.

quando, enquanto, antes que, depois que, logo que, todas as vezes que, desde que, sempre que, assim que, agora que, mal (= assim que), etc.

A música começou **assim que** chegamos à festa.

A cidade ficou mais feliz **depois que** o time chegou.

- ✓ **Comparativas:** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal.

como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, do que, quanto, tal, qual, tal qual, que nem, que (combinado com menos ou mais), etc.

O jogo de hoje será **mais** difícil que o de ontem.

Ele é preguiçoso **tal como** o irmão.

- ✓ **Consecutivas:** introduzem uma oração que expressa consequência da principal.

de sorte que, de modo que, sem que (= que não), de forma que, de jeito que, que (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como tal, tão, cada, tanto, tamanho), etc.

Estudou **tanto** durante a noite **que** dormiu na hora da redação.

A felicidade era **tanta que** a moça sorriu.

O USO DA INTERJEIÇÃO



Dentre as classes gramaticais estudadas, vez ou outra, a palavra “contexto” se torna essencial para efetivarmos de forma plena o aprendizado desses estudos. Dessa forma, o sentido atribuído aos vocábulos diz respeito à situação de comunicação em si, haja vista que a depender dessa mesma situação, uma palavra pode adquirir sentidos distintos, intenções diversas.

A **interjeição**, nesse sentido, é a classe de palavras invariável que exprime emoções, sensações, estados de espírito, procurando agir sobre o interlocutor. Com esse “contexto comunicativo”, em se tratando do uso, uma mesma interjeição pode assumir papéis distintos, ou melhor, expressar sentimentos diversos. Dá uma olhadinha nesses exemplos...

Ah! Pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

- ✓ Ah! Este arroz de leite está uma delícia. - (expressando sentimento de prazer)
- ✓ Ah! Como você demonstra ser uma boa aluna! - (exprimindo um sentimento de admiração)

Psiu! Pode indicar que se quer a atenção do interlocutor, ou se deseja silêncio.

- ✓ Psiu! Não acordem as crianças. - (pedindo silêncio)
- ✓ Psiu! Você esqueceu sua bolsa. - (pedindo atenção)

As interjeições, geralmente consideradas “diferentes” das demais classes gramaticais, não assumem função sintática específica. Por isso, sugere-se análise das interjeições segundo o contexto no qual se apresentam. Desta forma,

considera-se esta classe gramatical polissêmica, podendo possuir uma variação de sentido.

UFA! Chega né...

Tá liberado pra ir lá jogar vídeo game de novo.
Vai! Vai logo! Sai daqui!

Nem eu quero mais te ver!

Tchau!



meSalva!